



1290003432



FF

TCC/UNICAMP OL4v



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP**

Luciane Padavini Murer de Oliveira



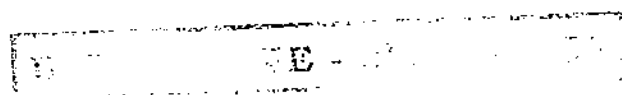
**O Vestuário Infantil: um dos componentes da
materialização da infância.**

Campinas

2007



200803043





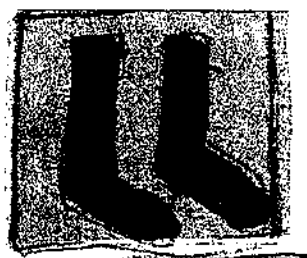
**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
UNICAMP**

Luciane Padavini Murer de Oliveira



O Vestuário Infantil: um dos componentes da materialização da infância.

**Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como exigência parcial para o
curso de Pedagogia da Faculdade de
Educação da Universidade Estadual de
Campinas, sob orientação da Profª Drª
Maria Evelynna Pompeu do Nascimento.**



Campinas

2007

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	
TCC/UNICAMP	
OL4v	
V:.....EX:.....	
TOM: 3432	
PROC: 129/08	
.....X	
RECO: 11.00	
ATA: 01/03/08	
CPD 426203	

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

OL4v Oliveira, Luciane Padavini Murer de.
O vestuário infantil : um dos componentes da materialização da infância /
Luciane Padavini Murer de Oliveira. — Campinas, SP : [s.n.], 2007.

Orientador : Maria Evelyn Pompeu do Nascimento.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Vestuário. 2. Materialização. 3. Infância. 4. Moda. I. Nascimento, Maria
Evelyn Pompeu do. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de
Educação. III. Título.

07-640-BFE

Banca Examinadora:

Orientação: Profª Drª Maria Evelynna Pompeu do Nascimento

Segunda Leitora: Profª Maria Amélia de Castro Cotta

Dedico esse trabalho ao meus pais, GERALDA e JOSÉ, que sempre acreditaram que eu seria capaz de chegar até aqui e ao CARLOS que através de seu jeito me incentivou nessa longa caminhada.

Agradecimentos

Quero agradecer todas as pessoas que acreditaram que seria possível a realização desse trabalho. Eu agradeço a Deus porque eu tenho certeza que ele me acompanhou e me acompanha em todos os momentos da minha vida. Porém, isso não quer dizer que eu não tenha plena consciência de que outras pessoas também foram fundamentais para que eu concretizasse esse trabalho.

Agradeço aos meus pais, Geralda e José, por me incentivarem e darem muita importância à minha formação acadêmica. Agradeço ao Carlos por sempre me ajudar (do seu jeito!) quando eu necessitava. Agradeço a tia Lirde pelas palavras incentivadoras. Não poderia de deixar de agradecer a Tamy que sempre esteve presente enquanto eu elaborava o texto desse trabalho independente da hora da madrugada, do dia ou da noite que fosse. Ela foi uma grande companheira!

Agradeço com muito carinho a todos os funcionários da informática, da biblioteca e a Luciane da Coordenação que sempre me ajudaram, não só no período de elaboração do meu TCC, mas durante esses quatro anos dentro da faculdade.

Agradeço pela paciência e orientação valiosa da Profª Drª Maria Evelynna Pompeu do Nascimento que me acompanhou durante a elaboração de meu trabalho e da professora Maria Amélia de Castro Cotta que foi minha segunda leitora.

Não poderia deixar de agradecer minhas amigas, em especial, Fernanda Pinhelli Franzoi e Fabiana Hisao Gutierre que sempre tinham palavras incentivadoras e de apoio para mim nas horas que eu mais precisava.

Eu não poderia deixar de agradecer ao povo brasileiro, pois é graças aos impostos que são pagos por ele que eu tive a oportunidade de ocupar a vaga dentro de uma Universidade Pública (privilégio de poucos!).

Enfim agradeço a todos que de forma direta ou indireta me acompanharam durante esse período da minha vida.

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO.....	01
A HISTÓRIA DAS ROUPAS.....	08
1.1 A Roupas nos nossos dias.....	12
1.2 - A Diferenciação versus a Padronização.....	15
1.3 – Outros Significados atribuídos às Roupas.....	18
AS CRIANÇAS E AS ROUPAS AO LONGO DA HISTÓRIA.....	20
2.1- As Representações das Crianças.....	27
2.2- A Construção do Vestuário dos Meninos e das Meninas..	36
AS ROUPAS E AS CRIANÇAS, HOJE.....	43
3.1- Roupas: uma relação de gênero.....	43
3.2- Moda infantil e o Mercado Consumista.....	54
3.3 – As Roupas disponíveis para as Crianças.....	60
3.4 – O Vestuário Infantil na pós-modernidade.....	66
3.5- A Roupas Infantil e a Moda.....	78
Considerações Finais.....	87
Bibliografia	91



INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A temática do meu Trabalho de Conclusão de Curso diz respeito à forma como a infância foi sendo paulatinamente construída e junto com ela seus significados, em especial o vestuário. O objeto do meu estudo são as roupas que são destinadas para as crianças desde séculos atrás até a atualidade. Para fazer esse estudo sobre o vestuário destinado às crianças, fiz um resgate histórico de uma bibliografia que abrange desde moda, vestuário infantil, questões sobre gênero, a materialização da infância, o fenômeno do consumismo infantil, além de um levantamento iconográfico.

Trata-se, portanto, de um estudo de resgate histórico através de fontes bibliográficas e iconográficas. Utilizei diversos autores entre eles destaco: **Ariès (1981)**, segundo esse autor, por volta do século XI, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, como se a infância não tivesse importância e não fosse uma fase da vida de todo ser humano e tivesse peculiaridades, como: ritmos diferenciados de crescimento e comportamento, por exemplo. **Laver (1989)** contribui com essa pesquisa através de um resgate histórico sobre as circunstâncias que levaram a humanidade a confeccionar peças de vestuário e como a produção de roupas, como conhecemos hoje, foi lenta e gradual. **Lipovsky (1989)** contribui com o presente estudo quando ele ressalta sobre a efemeridade da moda, o que é moda hoje poderá não ser mais amanhã. **Nascimento (2001)** contribui com esse estudo ao abordar o vestuário como um dos *componentes de um processo de materialização da infância*. Segundo Nascimento (op cit) a construção da especificidade da infância relativamente a outras etapas da vida pressupõe a construção de espaços físicos e o reconhecimento de bens materiais e simbólicos

referidos à criança, dentre eles as vestimentas. Fenômeno de longa duração que se define e redefine ao longo de todo o século XIX; primeiramente no seio da família e depois na escola assiste-se ao aparecimento de espaços e utensílios concebidos como adequados às manifestações infantis. A vestimenta infantil, ao longo do século XIX, torna-se mais cômoda e apropriada; paulatinamente, as crianças pequenas deixam de usar os camisolões e os cabelos cumpridos que não diferenciavam os meninos das meninas até quatro ou mais anos de idade. De cor clara, por vezes branca, a vestimenta paulatinamente se diferencia da adulta. Algumas roupas são reservadas para momentos especiais (batismo, primeira comunhão ou baile de máscaras, por exemplo). São diferenciadas em função do sexo do usuário. Uniforme para os escolares que podem apresentar pequenos sinais identificando o estágio de escolarização. Próximo ao final do século, meninos e meninas começam a usar meias curtas, podem sair sem chapéu ou boina. Não é o mesmo que ocorre no meio operário ou camponês onde as crianças continuam a vestir-se toscamente com roupas por vezes muito grandes e desgastadas, sinal de que foram herdadas dos mais velhos. A seminudez é freqüente, fruto da inexistência ou da precariedade de outros trajes. Muitas vezes estão descalças ou com a roupa de baixo aparecendo. (p.120-121). Vestimentas específicas são "luxos" de que não dispõem, a não ser com raras exceções quando, geralmente, são de segunda mão. Enquanto as crianças burguesas têm acesso aos bens materiais referidos à infância, nas camadas populares tudo se passa como nos séculos anteriores: tornam-se adultos mais cedo (p.114). Tal como ocorre no mundo adulto, as trajetórias são distintas e marcadas pela situação de classe a que os indivíduos pertencem (p. 125). Utilizei outros autores também, porém foram esses que destaquei

são os que mais contribuíram para a elaboração de meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Votando ao percurso. Quando ingressei no curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Unicamp, em março de 2003, cursei no primeiro semestre uma disciplina chamada "Introdução à Pedagogia". Essa disciplina contribui com minha formação através da reflexão sobre a infância e a criança, pois eu já havia feito magistério, porém a criança era sempre estudada em um enfoque psicológico e sempre no âmbito privado.

Já no primeiro ano comecei ter muito interesse pelo estudo da infância levando sempre em consideração como as modificações sociais foram imprescindíveis para a construção da infância da forma como conhecemos hoje. Devido esse meu grande interesse pelo tema comecei freqüentar os encontros de TCC com o grupo da Profª Drª Ana Lúcia Goulart de Faria. Embora eu ainda não estivesse no período para cursar a disciplina de TCC I, os encontros com esse grupo contribuíram ainda mais com o meu repertório sobre a pequena infância, já que nesse grupo os estudos são voltados para as crianças, meninos e meninas, dentro do espaço da creche e pré-escola. Fiz também uma eletiva (atividade livre) sob a orientação dessa mesma professora que acrescentou ainda mais aos meus conhecimentos o estudo referente à infância. Essa eletiva consistia no levantamento de diversas bibliografias que falassem sobre os temas: infância, criança pequena, creche e pré-escola em um enfoque antropológico. Novamente tive a oportunidade de aprofundar minhas leituras sobre o assunto.

No primeiro semestre de 2006, cursei uma disciplina intitulada de "Fundamentos da Educação Infantil" com a Profª Drª Maria Evelyn Pompeu do Nascimento. Nessa disciplina tive a oportunidade de ter contato mais aprofundado com o livro "História

Social da Criança e da Família” de Philippe Ariès. Essa bibliografia proporcionou o contato sobre o despertar do sentimento de infância e de sua peculiaridade enquanto fase inerente ao crescimento de qualquer ser humano. Além dessa bibliografia, outras leituras como por exemplo “Cultura infantil: a construção corporativa da infância” de Steinberg e Kincheloe (2001), também contribuíram para a abrangência de meu olhar sobre questões referentes à infância.

Diante de todo esse interesse sobre a construção da infância, eu tinha certeza que era sobre esse assunto que eu gostaria de discorrer em meu TCC. A dúvida surgiu quando eu tive que optar sobre qual recorte, a respeito desse assunto, eu gostaria de fazer. Decidi, então, que eu pesquisaria sobre o vestuário infantil.

Quando comecei procurar a bibliografia referente ao tema, percebi que não contaria com uma vasta fonte de consulta. Ariès (1981) foi um dos autores que mais falou sobre esse assunto em sua obra. Conte também com a tese de doutorado da Prof^a Dr^a Maria Evelynna Pompeu do Nascimento que contribui muito para o esclarecimento de como o vestuário se constitui em uma das formas de “materialização da infância”. Li, também, uma bibliografia voltada para a moda e fui buscando os recortes que os diversos autores que consultei faziam sobre a infância. Minha maior dificuldade na elaboração do TCC, foi encontrar uma bibliografia que possibilitasse a reflexão e orientação sobre o tema. A partir dessa dificuldade percebi que eu teria que ler diversas fontes que me proporcionassem o entendimento sobre infância, gênero, consumismo infantil, moda, materialização da infância, para que dessa forma, fosse possível a construção do meu tema.

Utilizei também como fonte de pesquisa, alguns sites como: www.images.search.yahoo.com, www.luizabebe.com.br, www.manequim.abril.uol.com.br,

www.marisa.com.br e www.marquise.com.br.

Portanto, fiz um resgate histórico sobre a história do vestuário infantil, analisando como as crianças no decorrer dos séculos e na atualidade se vestem e têm sua infância "materializada".

Através de minhas leituras, foi possível constatar que durante séculos a criança não foi considerada como um sujeito de direitos que detivesse importância na fase de vida a qual ela pertencia: a infância. A construção, pelo respeito aos direitos e características próprias das crianças, foi sendo elaborada paulatinamente através das modificações sociais e através de outras construções como: a família e o amor materno, por exemplo.

As crianças, meninos e meninas, encontram-se em um período de sua vida de profunda modificação. O perfil dessas crianças modificou muito em relação há décadas atrás, as famílias e a escola também se modificaram.

Nascimento (2001) esclarece que a infância vai se materializando em coisas que permeiam nosso mundo, através de brinquedos, brincadeiras, mobília, roupas, calçados... A criança ocupa seu lugar em nossa sociedade contemporânea e é através dessas "materializações" que a infância vai ganhando seu lugar e sua especificidade.

Atualmente as crianças não convivem apenas no ambiente privado na presença dos pais, irmãos e outros familiares. Outros atores sociais passam a fazer parte do cotidiano dessas crianças e interferem diretamente em suas vidas. A televisão, a Internet, os jogos eletrônicos, também interferem na construção do conceito contemporâneo de infância.

Analisar as roupas infantis e as características que a elas são inerentes, é um assunto de interesse dessa pesquisa. Se as roupas configuram uma construção social, portanto, somente ao longo da história é que foi possível a construção de um vestuário

dedicado à infância, assim como o reconhecimento da importância dessa fase da vida de todo ser humano.

É primordial pensar no lugar da infância ocupada atualmente, pois as roupas têm o poder de nos dizer muito sobre como as crianças estão vivenciando o mundo atual e como os adultos estão encarando as crianças nesse contexto. Embora as crianças estejam decidindo, cada vez mais, sobre o que elas querem, são os adultos que elaboram o quê será oferecido para elas, como: roupas, brinquedos, calçados... Assim como era natural no século XVII que as crianças ficassem envoltas em fezes e urina, porque naquela época existia um conhecimento de senso comum que de alguma forma aquilo era bom para a criança, hoje existem outras posturas que para os adultos são encaradas como saudáveis e importantes para as crianças. Mas, será que realmente são?

O que dizer daquela criança que mesmo em dias quentes fica o tempo todo de meias e agasalhada, sendo impedida de brincar no chão e em contato com outras texturas e superfícies? Essas posturas dos adultos vão delineando a concepção de cuidados com a infância contemporânea.

Pensar, refletir e questionar acerca do vestuário infantil atual e de outras épocas, contribuirá para a consolidação das pesquisas voltadas para a infância. Demonstrando que meninos e meninas, desde a tenra idade, podem ou não, ter garantido seus movimentos e liberdade para a exploração do mundo concreto que os rodeia.

O vestuário também contribui com a discussão sobre as questões que envolvem gênero e a separação sexista, demonstrando que convenções sociais podem estirpar ou, no mínimo, colocar em perigo a vivência do lúdico pela criança.

Diante dessa discussão sistematizei o TCC da seguinte forma:

No capítulo I *“A HISTÓRIA DAS ROUPAS”* fiz um resgate histórico, com o respaldo de leituras de diversos autores, sobre o surgimento da indumentária. Nesse capítulo, trago a evolução do vestuário desde os primórdios, mostrando como os seres humanos foram evoluindo na forma como confeccionavam suas roupas.

No capítulo II *“AS CRIANÇAS E AS ROUPAS AO LONGO DA HISTÓRIA”*, o leitor terá contato com as diferentes etapas que o vestuário infantil percorreu, demonstrando que essas modificações foram lentas e concomitantes às mudanças sociais.

No capítulo III *“AS ROUPAS E AS CRIANÇAS HOJE...”*, trabalhei as questões que envolvem a moda para crianças, os incentivos das propagandas para o consumo infantil, as questões de gênero que envolvem desde cores, até as estampas utilizadas no vestuário para as crianças e também os modelos de roupas que fazem da parte do vestuário das crianças atualmente. Esse capítulo demonstra como a infância pós-moderna se materializa.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DAS ROUPAS...

*Comecei a acreditar que a mágica da roupa
está no fato de que ela nos recebe: recebe
nosso cheiro, nosso suor; recebe até mesmo a
nossa forma. E quando nossos pais, os
nossos amigos e os nossos amantes morrem,
as roupas ainda ficam lá, penduradas em
seus armários, sustento seus gestos ao mesmo
tempo confortadores e aterradores, tocando
os vivos com os mortos. (Stallybrass,
2004:13)*

Segundo Laver (1989) devido às condições climáticas, os seres humanos se viram numa situação em que precisavam utilizar roupas para se protegerem. O homem primitivo percebeu que poderia não só comer a carne dos animais, como também utilizar sua pele para se proteger contra o frio. Logo, o homem, percebeu que apenas colocar a pele dos animais sobre seus ombros não iria resolver o problema, já que grande parte de seu corpo permanecia descoberta. Foi aí que a humanidade percebeu que seria necessário dar forma a essa pele, para que de fato ela pudesse atender suas necessidades.

Além da forma, outro problema existia: com o passar do tempo a pele dos animais ficava dura e ressecada. A questão agora para ser resolvida era como tornar esse material maleável e macio para o uso.

Com o passar do tempo muitas técnicas foram sendo utilizadas. Por exemplo: como acontece até nos dias atuais, em que as mulheres esquimós mastigam a pele da caça que são trazidas por seus maridos para as tornar maleáveis ou até mesmo a utilização de um método em que a pele é molhada e em seguida sovada com galhos. Embora esses métodos fossem sendo utilizados, eles ainda não eram suficientes para que a humanidade conseguisse aquilo que realmente desejava: um artefato que pudesse lhe proteger¹.

Um avanço muito grande foi a descoberta de que o óleo ou a própria gordura dos animais marinhos conseguiam deixar as peles dos animais maleáveis, porém por um curto período. Segundo Laver (op cit) finalmente, a humanidade chega até uma solução para tornar as peles macias e maleáveis: algumas cascas de árvores como o carvalho e salgueiro quando entram em contato com a água liberam um ácido tânico que ao entrar em contato com as roupas tem o poder de torná-las maleáveis por tempo indeterminado. Esse método é conhecido como curtimento e é utilizada até hoje.

Segundo esse mesmo autor após essa descoberta foi possível a humanidade dar forma às peles, moldando-as conforme sua necessidade. Resultante dessa descoberta, um grande avanço tecnológico, nenhum pouco menor que grande faceta da descoberta da roda ou do fogo, foi a invenção da agulha que tornou possível o grande ensejo de se costurar peles para que essas pudessem ser moldadas ao corpo. Data de 40 mil anos a descoberta de agulhas feitas com marfim de mamute, ossos de rena e de presas de

¹ LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

leão-marinho em cavernas paleolíticas, o que mostra que se tratava de uma grande empreitada da humanidade a busca pela confecção de roupas.

Porém, não foram apenas as peles dos animais que foram utilizadas como vestimentas. Os povos que viviam em clima mais ameno utilizavam fibras animais e vegetais para conseguirem confeccionar suas vestimentas. De acordo com Laver (op cit) suspeita-se que a feltragem tenha sido um primeiro passo para tornar lãs ou pêlos em materiais maleáveis e duráveis que poderiam ser costurados para que fosse possível a confecção de roupas.

Ainda segundo o referido autor, um outro processo utilizado para a preparação da matéria prima para a confecção de vestimentas, consistia na utilização de cascas de árvores como a figueira e a amoreira que após passarem por um processo de serem mergulhadas na água, eram colocadas sobre uma pedra chata e ordenadas em três camadas formando ângulos retos para que fossem, finalmente, sovadas até que se juntassem. Em seguida, se passava óleo ou tinta para aumentar sua durabilidade. Através desse processo, muito semelhante com a forma que os egípcios faziam o papiro, obtinha-se um tecido de casca. Esse tecido era muito difícil para cortar e não se moldava ao corpo.

A tecelagem, por sua vez, funcionava como acontece na atualidade.

O velo era tosquiado por métodos muito semelhantes aos atuais, o monte de fibras resultante era então fiado, e o fio era tecido em um tear. (Laver, 1989:12).

Laver (op cit) acrescenta que a transição de vestimentas feitas com peles de animais para tecidos, não foi tão simples e rápida. É possível observarmos nas

vestimentas de babilônios e assírios, pessoas de ambos os sexos, utilizando saias com tecidos que parecem ser compostos por tufo de lã, que só mais tarde foram relegados à retângulos de panos e transformados em franjas.

Antes de serem utilizadas no corpo como são hoje em dia, as roupas passaram por um lento processo. Segundo Laver (op cit) os egípcios, assírios, romanos e gregos, por exemplo, utilizavam tecidos em formato de retângulos em volta da cintura, que mais tarde foram sofisticados, com o uso de um quadrado de pano enrolado nos ombros e presos com um broche para compor a vestimenta. Essas roupas eram chamadas de drapeadas.

Outro estilo de roupa, as que acompanhavam as formas do corpo eram refutadas pelos romanos que até chegavam a condenar a morte quem as utilizava.

A arte da vestimenta - diz ele - está intimamente associada aos princípios morais, um importante aspecto dos quais representa, por assim dizer, pictoriamente. Suas incursões, como uma forma de arte que explora novos modos de expressão se encontram limitadas pelas convenções da época. (Mello e Souza apud Cunningham, 1987:45).

Dessa forma, a vestimenta é um aparato portador de história e que sofreu modificações ao longo do tempo.

Segundo Laver (op cit) as mulheres e os indivíduos que gozavam de um cargo elevado, utilizavam trajes como xales franjados, que aos poucos, foram sendo substituídos pelas vestimentas mais comuns (masculinas) que era um tipo de túnica com mangas.

As roupas foram durante milhares de anos um signo que demonstrava prestígio de uma camada social que era considerada nobre. Utilizar roupas que não pertencessem a

sua camada social era considerado como uma postura de quem não assumia a sua condição, fazendo tentativas para ocupar um “lugar social” ao qual não pertencia.

Várias sociedades elaboraram decretos, conhecidos como leis suntuárias, para prescrever ou proibir o uso de estilos por classes específicas. No antigo Egito, somente aqueles da classe social alta podiam usar sandálias; os gregos e os romanos controlavam o tipo, a cor e o número de peças do vestuário e o tipo de bordado com que podiam ser enfeitadas. (Lurie, Alison, 1997:129)

1.1– A Roupas nos nossos dias.

Hoje em dia, as roupas ainda ocupam uma posição que pretende revelar um determinado status quo, embora o vestuário tenha se modificado muito, deixando de lado o excesso de fitas, babados e rendas. Pessoas que não se “vestem bem” podem sofrer alguns preconceitos prévios como se as roupas fossem suficientes para revelar o caráter e a índole das pessoas

A suposição é a de que uma pessoa mal vestida provavelmente será desonesta, estúpida e sem talento. (Lurie, Alison, 1997:132)

Lipovetsky² (1989) discorre sobre o custo excessivo de uma peça de vestuário. Para esse autor, “o vestuário ostensivamente custoso é intrinsecamente feio”. No século XX, outros materiais utilizados para confeccionar roupas como lã, linho e a seda passam a ser falsificados. Concomitante a isso, através da tecnologia para a confecção de roupas tornou-se possível em curto tempo copiar-se modelos de roupas de acordo com seus originais.

² LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1989.

As cores das roupas também possuem significados. As cores preto e branco, possuem significado racial

A cor real da pele da maioria dos britânicos e americanos, como qualquer um pode observar, é castanho-rosada, desbotando para o pardo com a idade ou doença; corando para rosa com resultado da alta pressão sangüínea ou alcoolismo – ou, raramente, como consequência de esforço, raiva ou constrangimento. É uma realização dúbia essas pessoas morenas e rosadas terem se designado da raça branca e terem estabelecido o termo "preto" para pessoas cuja pele tem uma tonalidade de marrom e dourado. O resultado dessa estratégia semântica furtiva foi associar a pele morena e rosada à virtude e limpeza, e a marrom ou dourada à maldade, à sujeira e ao perigo. (Lurie, 1997:197)

Segundo Lurie (1997) o branco, desde o período clássico, era visto como a cor que representava “a pureza, a inocência sendo mais utilizadas em bebês e crianças pequenas”. O branco passa a ser na década de 20 a cor mais utilizada em vestidos de noivas. Essa cor não foi escolhida por acaso, ela tem todo um significado que está em torno da pureza e inocência, mas também está impregnado de um significado preconceituoso e machista, pois pressupõe que apenas as virgens são dignas de utilizarem essa cor nesse traje. A associação de uma cor a um significado revela como é possível criar-se preconceitos e estereótipos demonstrando que realmente as roupas possuem uma linguagem própria.

O preto, porém, tem significado totalmente inverso da cor branca. Tradicionalmente, o preto é a cor do luto, da morte, de acordo com a Mitologia Clássica. Tanto o preto quanto o branco têm conotações ligadas ao sobrenatural, porém o branco vinculado ao bom e o negro a tudo que é ruim.

As cores no vestuário, podem também, pelo menos em uma concepção convencional, indicar uma divisão de gêneros. A cor rosa, por exemplo, é usada na maioria das vezes por mulheres. De acordo com Lurie (op cit) o rosa forte é a cor tradicional do amor romântico, tanto sexual quanto emocional. Ainda segundo essa mesma autora, a

A padronização causada pela moda antes de ser uma característica “dessa moda” que conhecemos hoje, já existia, mas com uma preocupação muito diferente da atual. A padronização que existia no vestuário dos gregos e dos romanos, por exemplo, estava ligada ao sentimento de pertencimento a um grupo. Diferente do que acontece hoje. Atualmente, as pessoas vestem alguns tipos de roupas, gerando padronização no vestuário, porque aquele tipo de vestimenta está na moda, porém tal vestimenta logo “sai de moda” e é substituída por outros modelos de vestuário.

1.2 - A Diferenciação versus a Padronização.

Começo nesse momento entrar em um dos grandes paradoxos que envolvem a moda: a diferenciação versus a padronização. Segundo Röhrig (2001) a moda sempre teve a função de padronizar para que, dessa forma, pudesse diferenciar. Porém, na metade do século XIV, homens e mulheres³, começam ter o sentimento de individualidade. É a partir desse momento, que o vestuário começa ter características relacionadas ao sexo: homens deixam de usar túnicas e passam a usar roupas bifurcadas. Porém, esse é um processo muito longo que levará séculos. Segundo Lipovetsky (1989)

Durante a mais longa parte da história da humanidade, as sociedades funcionaram sem conhecer os movimentados jogos das frivolidades. Assim, as formações sociais ditas selvagens ignoraram e conjugaram implacavelmente, durante sua existência multimilenar, a febre da mudança e o crescimento das fantasias individuais. (p. 27)

³ Utilizarei homens e mulheres para me referir ao ser humano, à humanidade; pois não são apenas os homens que formam essa história, mas as mulheres também.

Ao contrário do que acontecesse hoje, que as roupas rapidamente saem da moda, as civilizações antigas mantinham suas vestimentas durante séculos como um respeito à cultura e características de seus ancestrais. Dessa forma, nas sociedades primitivas não havia sentido “cultuar” a roupa como um artefato que fizesse diferenciação entre os indivíduos ou propiciassem sua individualidade, como acontece nos dias atuais.

É, portanto, na metade do século XIV, que segundo Lipovetsky (op cit) ocorre uma Revolução no vestuário. Os trajes masculinos e femininos passam ter suas peculiaridades “a mesma toga longa e flutuante, usada mais ou menos, indistintamente há séculos pelos dois sexos, foi substituída por um traje masculino composto de um gibão. Já para as mulheres, as túnicas foram substituídas por um vestido longo, mas muito mais ajustado e decotado.” Essa modificação muito visível marcada na diferença de vestuário entre os sexos iria acompanhar homens e mulheres até os dias atuais.

Segundo Röhrig (2001), por volta de 1858, Charles Worth, foi o primeiro costureiro a confeccionar roupas que não estavam submetidas ao desejo de suas clientes, mas sim que estavam de acordo com seu próprio senso estético.

Até então os costureiros apenas concretizavam o desejo das elites que ditavam o que deveria ser usado. Surgiu assim a alta-costura, que além da criação, levou em consideração traços da personalidade de suas clientes, exteriorizando emoções e pessoais. (Röhrig, 2001:103)

Surge a alta costura e concomitantemente a indústria de confecções em escala. Costureiros como Worth só confeccionam para pessoas de classes abastadas, porém a indústria dispunha para as classes menos privilegiadas cópias de roupas que costureiros renomados criavam.

A alta-costura começa a ser submetida a um desprestígio a partir de meados dos anos 60. Segundo Röhrig (2001) a moda passou a ser um reflexo do que se via nas

ruas e nunca havia mudado tão rapidamente até então. Após a II Guerra, muitos jovens precisaram sair para trabalhar e contribuir com orçamento doméstico. Surgem jovens que criam moda e eles conhecem muito bem a demanda de sua clientela, por serem tão jovens quanto ela

A moda começou a concentrar-se nos adolescentes e a expressar o seu desejo de ruptura, liberdade, revolta, modernidade, diferenciação... Há uma nova concepção de distinção, em que a sofisticação e a elegância da alta costura perdem espaço para a criatividade, democratização, experimentação, questionamento. A moda é pensada como um todo, inseparável do modo de vida, ideologia e intenção do indivíduo. (Röhrig, 2001:104)

Na década de 1960, os modelos de vestuário mudavam muito depressa. Já a década de 1970 foi considerada, por Laver (1989) como um período muito mais calmo. Na década de 1960, os jovens se preocupavam em comprar o último modelo de roupa que estivesse na moda. Segundo esse mesmo autor, esse fato revelava a incerteza com relação ao futuro e o desejo de se rebelar.

As saias eram mais curtas do que haviam sido durante o século, mesmo nos dias mais loucos de 20; os cabelos eram compridos e softos. Essa atmosfera de ruptura também ficou evidente nas artes (...)
Para os estilistas de moda da década de 60, o corpo era um veículo para a criação (...). Mas as roupas da década de 60 estabeleceram uma nova tendência. (Laver, 1989:262-263)

A década de 1970, foi marcada pela criação de roupas que oferecessem praticidade para as mulheres. Nessa década, o movimento feminista estava no auge. As mulheres lutavam por carreiras que antes eram ocupadas apenas pelos homens.

As mulheres lutavam cada vez mais para entrar em novas carreiras e para se afirmarem em ambientes anteriormente destinados aos homens. A ênfase da moda na praticidade dos modelos e na escolha dos tecidos originou-se nessa vida competitiva, que deixava pouquíssimo tempo seja para combinar roupas seja para cuidar delas. (Laver, 1989:271)

As roupas como: paletós e jaquetas, desde a década de 1970 até 1980, passaram a ser utilizadas pelas mulheres, porém essas roupas apresentavam cortes de vestimentas masculinas.

Não importa que estilos entraram ou saíram da moda, as roupas femininas para o trabalho, paletós e jaquetas, apresentavam cortes deliberadamente masculinos ao longo de toda década de 70 e início da de 80: uma tentativa, na verdade, de ficarem no mesmo nível dos homens (...) (Laver, 1989: 272)

Foi em 1982, que as mulheres começaram usar calças do terno masculino. A partir da década de 1980, as mulheres passaram a criar seus próprios estilos e a alta costura deixou de ser algo místico.

Na década de 80, a mística da alta costura evaporou-se. As mulheres tinham mais conhecimentos sobre corte e tecido do que em qualquer época desde a Segunda Guerra Mundial, e toda mulher estava equipada para criar seu próprio look. (Laver, 1989: 278)

1.3 – Outros Significados atribuídos às Roupas

Uma outra característica também interessante que as roupas possuem é a de estarem impregnadas em seu tecido, da memória daquele que um dia a possuiu. Quando uma pessoa morre, por exemplo, as roupas que ela vestia não “morrem” junto. As roupas continuam existindo, ou guardadas dentro de um guarda-roupas, ou ela é dada para uma pessoa que era próxima do antigo dono ou até mesmo é levada para brechós. A verdade é que a moda pode até ser algo efêmero que se renova constantemente, mas as roupas sobrevivem às essas modificações e carregam as memórias de quem as vestiu.

Ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que

receberam esses corpos sobrevivem. Elas circulam através de lojas de roupas usadas, brechós e de bazares de caridade. Ou são passadas de pai para filho, de irmã para irmã, de irmão para irmão, de amante para amante, de amigo para amigo. (Stallybrass, 2004: 14)

Para Stallybrass (2004) as roupas são uma forma de memória, nelas ficam impregnadas nossas marcas pessoais, como o cheiro. Esse autor vão muito além e diz que as roupas se tornam um elo entre vivos e mortos, pois “as roupas recebem a marca humana. Duradouras, elas ridicularizam nossa mortalidade, imitando-a apenas no arranhão ocasional”. (p.14)

Segundo o referido autor, pensar sobre roupas é pensar sobre posse e poder também. Na Inglaterra da Renascença as roupas eram uma moeda corrente, até mais do que a moeda ou o ouro. Stallybras (op cit) refere-se a essa sociedade como uma “sociedade da roupa”.⁴ Ser um membro de uma casa aristocrática, ser um membro de uma guilda, significava vestir-se de libré, significava ser pago, sobretudo, em roupas.

⁴ Stallybras escreve na página 17 de seu livro: Deixem-me esclarecer o que quero dizer por “sociedade de roupas”. Em sua forma mais extrema, trata-se de uma sociedade na qual os valores e também a troca assumem a forma de roupas. Quando os incas incorporavam novas áreas a seu reino, concedia-se aos novos cidadãos roupas para vestir, as quais, entre eles, eram altamente valorizadas. Mas esse presente não era, naturalmente, desinteressado (...) Em troca desse suposto presente, os camponeses eram obrigados, pó lei, a tecer roupas para a coroa e para as necessidades da Igreja.

CAPÍTULO II

AS CRIANÇAS E AS ROUPAS AO LONGO DA HISTÓRIA

O primeiro traje das crianças foi o traje usado por todos acerca de um século antes, e que num determinado momento elas passaram a ser as únicas a envergar. Evidentemente, não se podia inventar do nada uma roupa para as crianças.

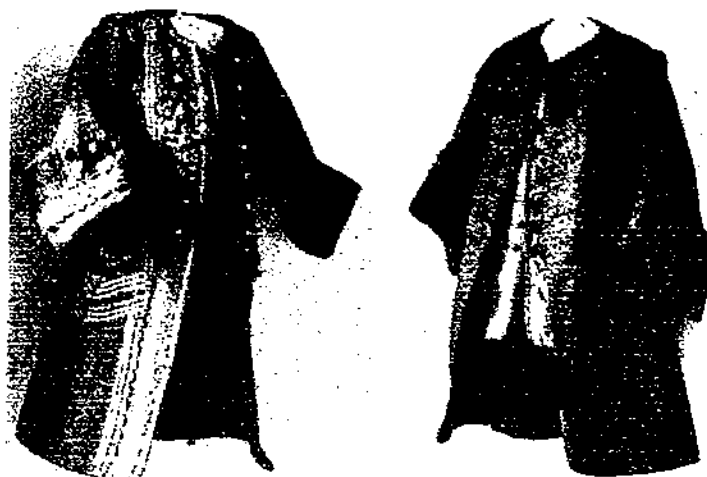
Ariés, 1998:77

Acredito ser de extrema importância salientar que são raros os autores que falam sobre como as crianças, ao longo da história, se vestiam. A história do vestuário traz com riqueza de detalhes os trajes que eram utilizados por homens e mulheres desde a pré-história, mas são feitas poucas menções sobre as crianças. Em alguns períodos, não é possível encontrar, pelo menos na bibliografia que consultei, sobre os trajes utilizados pelas crianças. É como se elas simplesmente não existissem. Alguns autores como Köhler (2001), Laver (1989) fazem algumas menções aos trajes utilizados pelas crianças, porém de forma muito breve.

Segundo Áries (1981) por volta do século XII, "a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la", para ele é como se a infância não tivesse lugar no mundo. Ariès (op cit) afirma que não existia na Idade Média um período transitório entre a infância e a vida adulta.

Nas imagens abaixo, observamos trajes destinados às crianças. É possível percebermos que essas roupas parecem de adultos.

Fig. 1



Trajes para meninos, início do século XVIII

(Köhler, 2001:413)

Fig. 2



Trajes infantis, século XVIII

(Köhler, 2001:432).

Fig. 3



Children's fashions, 1902, Fonte: www.marquise.com.br

Na imagem acima, observamos crianças com trajes muito semelhantes aos usados pelos adultos.

É muito importante observarmos que se Áries (op cit) não encontrou relatos sobre a infância no século XII na Europa medieval, isso não quer dizer que essa etapa da vida não era reconhecida com existente e verdadeira. (Heywood apud Berkvam 2004:26). A cautela que precisamos ter é que não podemos analisar essas civilizações com os

conceitos que temos sobre infância atualmente, pois certamente serão muito diferentes das concepções existentes naquela época.

Segundo Ariès (op cit), as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, como se essa fase da vida não tivesse importância alguma e não fosse algo peculiar ao crescimento do ser humano (homens e mulheres, meninos e meninas).

Áries (op cit) nos chama atenção sobre a representação feita por um artista (pintor) da representação do Evangelho quando Jesus convida algumas crianças para virem ao seu lado e quando São Nicolau ressuscita três crianças:

Ora, o miniaturista agrupou em torno de Jesus oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância: eles foram simplesmente reproduzidos numa escala menor. Apenas seu tamanho os distingue dos adultos. Numa miniatura francesa do fim do século XI, as três crianças que São Nicolau ressuscita estão representadas numa escala mais reduzida que os adultos, sem nenhuma diferença de expressão ou de traços. (Áries, 1981:51).

Nas imagens abaixo, observamos como os trajes infantis aparentavam ser incômodos (principalmente na fig. 5). Também é possível observarmos como a expressão infantil era retratada com pouca diferença da expressão facial de um adulto ou até sem fazer diferenciações entre os sexos (fig. 4).



Fig. 4 - Johanna and Wilhelm Fisher, 1838

Fonte: www.marquise.com.br

Fig. 5



Nurse with baby by Frans Hals

Fonte: www.marquise.com.br

Fig. 6



James Stuart e sua irmã Louisa Maria Theresa, de Largillière, 1695 (Laver, 1989:123)

Na fig. 6, vemos representado um casal de irmãos que data de 1695. Pela imagem é possível percebemos roupas com excesso de pano, detalhes e bordados. A menina utiliza na cabeça um ornamento que lembra nos dias atuais as coroas utilizadas pelas noivas. As duas crianças parecem adultos em miniatura.

É possível encontrarmos várias representações que datam dessa época e que representam as crianças como se fossem adultos, porém com tamanho diferenciado. Segundo Áries (op cit) parecia até que os adultos não enxergavam as diferenças que as crianças possuíam, eles as submetiam a rotinas, trabalhos e responsabilidades iguais dos adultos. Na nossa concepção de criança hoje, até parece ser impossível não perceber as diferenças entre adultos e crianças. Mas, como Áries (op cit) escreve é como se não existisse lugar no mundo para as crianças.

2.1 – As Representações das Crianças.

Será por volta do século XIII que começam a surgir representações de crianças que se assemelham um pouco mais com nossa concepção contemporânea.

Se as crianças não tinham suas características respeitadas, isso ficava muito evidente nos trajes utilizados por elas. Se a infância não tinha espaço, não há nenhum espanto em pensar que as roupas das crianças não contemplavam suas necessidades. Durante todo período da Idade Média as crianças utilizaram trajes que demonstravam qual era a concepção de infância existente naquela época. Segundo Nascimento (2001) a construção da especificidade da infância relativamente a outras etapas da vida

pressupõe a construção de espaços físicos e o reconhecimento de bens materiais e simbólicos referidos a ela referidos (a criança)... Fenômeno de longa

duração que se define e redefine ao longo de todo o século XIX; primeiramente no seio da família e depois na escola assiste-se ao aparecimento de espaços e utensílios concebidos como adequados às manifestações infantis. (p. 110)

Segundo Áries (op cit) é muito importante ressaltar que na Idade Média (e até antes desse período histórico) existia uma alta taxa de mortalidade infantil devido a diversas situações, as crianças morriam desde de doenças até o infanticídio, que era velado. Muitas crianças eram mortas, mas esse fato era encarado como acidente. Por esses motivos, poucas eram as crianças que conseguiam alcançar a vida adulta. A situação de sobrevivência da criança não foi nada fácil.

Os romanos, por exemplo, recusavam o nascimento de meninas ou crianças com deficiência, cabia ao pai decidir se a criança sobreviveria ou não. É muito importante ressaltar que não eram apenas as crianças pobres que eram rejeitadas por suas famílias, mas também crianças de famílias ricas eram abandonadas pelas ruas devido ao fato de não serem bem-vindas como mais uma herdeira da fortuna da família. Fica muito claro que não existia esse sentimento de infância que hoje existe pelas crianças. Segundo Heywood (2004) as crianças entre 5 e 7 anos eram inseridas na convivência dos adultos como se elas tivessem todas as condições de exercerem as tarefas do mundo adulto.

Fig. 7



Fonte: www.marquise.com.br

Na fig. 7 vemos uma menina utilizando um vestido cheio de babados, fitas e laços. A “sophistication” era presente nas roupas das crianças.

Fig. 8



(Laver, 1989:123)

Na imagem acima, percebemos como as crianças utilizavam trajes muito semelhantes aos dos adultos.

Fig. 9



Pais e primogênito, 1925, Família Horch (Leite, Miriam Moreira, 2001:99)

A fig. 9, do início do século XIX, mostra os trajes utilizados pelos bebês nessa época. Embora a criança seja um menino, observamos que o traje utilizado é uma espécie de túnica (que lembra um vestido) com touca na cabeça.

Logo que nasciam, as crianças eram enfaixadas, acreditava-se que dessa forma elas estariam seguras contra mordidas de animais. Além disso, seria dessa forma que elas estariam enrijecendo seu corpo.

Eles também consideravam que isso ajudava a distinguir a criança de um animal, impedindo-a de andar de quatro patas. (Heywood, 2004:96)

Segundo Ariès (op cit) no século XIII, os bebês eram enrolados em faixas, os chamados cueiros, que impediam qualquer movimentação de seu corpo, apenas a cabeça ficava para fora. O ato de enrolar os bebês em faixas trazia algumas conseqüências, com, por exemplo, era freqüente o fato dos bebês passarem um longo período envolto de suas fezes e urina. Segundo Heywood (op cit) o fato os bebês ficarem envoltos em seus excrementos era um indicativo de um período em que algumas crenças desencadeavam em atitudes muito estranhas para os parâmetros atuais de higiene e saúde. Rosseau também fez um alerta sobre o ato de enfaixar bebês: "os lugares em que se enfaixam as crianças estão cheios de corcundas, de mancos, de cambaios, de raquíticos, de pessoas deformadas de todo o tipo" (Heywood apud Rosseau, 1981:96)

Mas, após essa fase de extrema imobilização a qual a criança era submetida ela passava a se vestir com roupas que eram miniaturas das roupas dos adultos, mais uma vez a criança não tem possibilidades de explorar as movimentações de seu corpo, já

que as roupas utilizadas pelos adultos eram extremamente desconfortáveis, cheias de laços, fitas, engomadas e com excesso de pano.

Coloca-se (nas crianças) uma camisola curta, meias bem quentes, uma anágua grossa e o vestido de cima, que tolhe os ombros e os quadris com uma grande quantidade de tecido e pregas e diz-se a elas que toda essa tralha lhes dá um ar maravilhoso ". (Ariès apud Erasmo, 1981:71)".

Fig. 10



As crianças Graham, de William Hogarth, 1742. Há pouquíssima distinção entre as roupas infantis e dos adultos. (Laver, 1989:123).

Na fig. 10, as crianças utilizam roupas de adultos. Do lado esquerdo da figura é possível observarmos um bebê utilizando roupas idênticas aos dos adultos da época, sendo diferenciada das crianças mais velhas pela touca.

Não existia qualquer preocupação com o conforto ou com a agilidade corporal que a roupa permitia à criança, pelo contrário, a única preocupação era de demonstrar a qual classe social ela pertencia, como é possível observarmos na fig.11. Tratava-se da concepção de roupa enquanto signo que demonstrasse a posição social ocupada pelo indivíduo que a vestia.

Fig.11



Boy of 5-6 years, 1852. Fonte: www.marquise.de

Segundo Ariès (op cit) houve uma maior preocupação em distinguir entre as crianças primeiro os meninos e só posteriormente as meninas, “como se a infância separasse menos as meninas dos adultos do que os meninos”. Os meninos também começaram a freqüentar os colégios antes⁵ das meninas. Devido a esse fato, os meninos tiveram um vestuário apropriado para freqüentarem esse local e que acabava por distingui-los dos homens adultos. Como as meninas não freqüentavam a escola, para elas não existia um vestuário que as diferenciava das mulheres adultas.

Um estudo muito mais recente, realizado em 1998 por Carvalho⁶, mostra através de uma revista feminina⁷, as “imagens persistentes de como devem ser as mulheres, ou seja, as imagens revelam modelos de dotes femininos naturais e desejáveis para a época”. No estudo, é possível perceber a vinculação de meninas vestidas como mulheres desempenhando papéis que são desejáveis em uma mulher. Papéis esses que dizem respeito ao modelo de “mulher dona de casa”. Trata-se, segundo Carvalho (1998) da construção de uma identidade feminina. Embora em tempos históricos muito distintos, é possível fazermos uma analogia entre essas duas situações: a mencionada por Ariès (op cit) e o estudo realizado por Carvalho (op cit). Em ambas situações a menina é inserida antecipadamente no mundo adulto das mulheres para aprender os valores que são desejáveis enquanto possível “futura dona de casa e mãe”. Falo em “possível futura” dona de casa e mãe, porque atualmente cada vez mais, as mulheres estão tendo condições de fazerem escolhas sobre quais papéis pretendem desempenhar. Porém, mesmo com essas modificações históricas acerca da identidade

⁵ Segundo Áries do fim do século XVI e início do século XVII.

⁶ CARVALHO, Ronaly Moreno C. *Imagens de infância (s): um estudo a partir de revistas femininas*. Trabalho de Conclusão de Curso, Campinas, SP: FE/Unicamp, 1998

⁷ Revista Capricho. As exemplares analisadas datam do período de 1965 a 1970.

feminina, é possível vermos mulheres sendo vinculadas aos papéis de dona de casa e mãe. Séculos se passaram, porém a construção de que a mulher tem por natureza um papel pré-destinado desde que nasce, continua se perpetuando. Um exemplo que podemos dar são os brinquedos: que na maioria das vezes, para as meninas eles denotam as funções de afazeres domésticos ou da maternidade.

2.2- A Construção do Vestuário dos Meninos e das Meninas.

Historicamente, os meninos passam a ter (antes das meninas) um vestuário específico para a fase da infância. Na tela de Philippe de Champaigne o retrato do sete filhos da família Harbert mostra

François, que tem um ano e onze meses, e o caçula, de oito meses, vestem-se ambos exatamente como sua irmã, ou seja, como duas mulherzinhas: saia, vestido e avental. (Ariès, 1981:71)

No século XVII, a criança das classes sociais privilegiadas passa a ter roupas mais específicas para sua idade. Já no século XVI, era hábito vestir os meninos com roupas que pareciam de meninas, porém as meninas se vestiam com roupas de mulheres adultas. Era praticamente impossível conseguir distinguir um menino de uma menina até mais ou menos os 4 anos de idade. Os meninos, embora a roupa tivesse um corte de roupa de menina, tinham uma roupa que representava sua infância, enquanto isso as meninas continuavam se vestindo com roupas de mulheres adultas. Segundo Áries (1981) foi apenas depois da Primeira Guerra Mundial que o "hábito de afeminar os meninos desapareceria."

Erasmus era um defensor de uma roupa que possibilitasse maior conforto para as crianças, que favorecesse seus movimentos, porém, essa espera foi necessária até o século XVIII “para que o traje da criança se tornasse mais leve, mais folgado, e a deixasse mais à vontade.”

O traje dos meninos que aparentava ser de menina tinha o nome de *à la bavette* (de babador). Mais tarde, os meninos trocavam esse traje por um outro tipo de vestido com gola que recebia o nome de *jaquette*. Através dessas mudanças do vestuário era possível acompanhar o crescimento da criança.

Segundo Áries (op cit) tanto no traje das meninas quanto dos meninos, durante o século XVII, é possível notarmos que existiam diferenças em relação aos trajes utilizados pelas mulheres dessa época: duas fitas largas presas atrás dos ombros, compunham uma diferença fundamental no vestuário. Essa particularidade no vestuário da criança irá desaparecer somente no fim do século XVIII. Essas fitas se configuravam em um signo do vestuário que representava a infância e não podem ser confundidas com as guias utilizadas pelas crianças que não sabiam andar sozinhas como apoio para dar equilíbrio e sustentação para seus passos. Essas guias eram uma espécie de cordinhas que presas ao ombro da criança serviam de apoio para que uma outra pessoa (que sabia andar) pudesse segurá-la para lhe dar apoio nas tentativas de deslocar-se na posição ereta.

No pequeno museu da abadia de Westminster, foram expostas algumas esfingies mortuárias de cera que representavam o morto e que eram colocadas sobre o ataúde durante as cerimônias fúnebres...Uma dessas efígies representava o pequeno marquês de Normandy morto aos três anos de idade: ele está vestido com uma saia de seda amarela, recoberta por um vestido de veludo (o traje das crianças pequenas) e usa essas fitas chatas da infância, que o catálogo descreve como guias. Na realidade, as guias eram cordinhas que não pareciam com essas fitas. (Ariès, 1981:74)

Durante o século XVI até o século XVIII, existiam alguns artefatos que eram próprios do vestuário infantil, essa era uma forma de distinguir o traje das crianças do traje dos adultos. Segundo Áries (op cit) não era possível, naquela época, simplesmente criar uma roupa que fosse específica só para as crianças. Os trajes destinados às crianças tinham já sido utilizados séculos antes pelos adultos, porém era o início da adoção de um traje que fosse específico para o uso das crianças.

Também é muito importante salientar que as crianças das camadas populares não se vestiam como as crianças das classes abastadas, com fitas, engomados e excessos de tecidos. As crianças pobres usavam roupas remendadas e muito desgastadas. Áries (op cit) faz uma comparação entre o sentido que a roupa fazia no século XVII e o sentido que os automóveis tem atualmente em nossas vidas. Ou seja, naquela época o povo utilizava roupas usadas que eram de segunda-mão, como os carros, hoje em dia, a pessoa que não condições de comprar um novo adquire um de segunda-mão.

Não é o mesmo o que ocorre no meio operário ou camponês onde as crianças continuam a vestir-se toscamente com roupas por vezes muito grandes e desgastadas, sinal de que foram herdadas dos mais velhos. A seminudez é freqüente fruto da inexistência ou da precariedade de outros trajes. Muitas vezes estão descalças e com a roupa de baixo aparecendo. (Nascimento, 2001: 120).

Fig. 12



Príncipe de Cranach, 1517

Fig. 13



Princesa de Cranach. Fonte: www.marquise.com.br

Nas figuras 12 e 13 observamos o que Ariès (op cit) descreve em seu livro sobre como as roupas eram muito caras e os detalhes dos trajes também representavam as hierarquias sociais. As roupas possuíam (e ainda possuem) o caráter segregador, é como se elas detivessem o poder de separar em dois pólos distintos e inversamente contrários, as pessoas que detêm determinado status social daquelas que não o detêm, subjugando essas últimas como menos competentes ou dignas de respeito.

Somente no século XIX, que as roupas das crianças se tornam mais confortáveis. Segundo Nascimento (2001) foi paulatinamente que meninos e meninas deixam de usar trajes como camisolões e cabelos compridos, que acabavam por dificultar a distinção entre os sexos. Além disso, havia uma preferência pelas roupas de cores claras. As roupas também tinham o caráter de identificar fases de mudança na vida das crianças como, por exemplo, os uniformes que marcavam a vida escolar.

A vestimenta infantil, ao longo do século XIX, torna-se mais cômoda e apropriada; paulatinamente, as crianças pequenas deixam de usar os camisolões e os cabelos compridos que não diferenciavam os meninos das meninas até quatro ou mais anos de idade. De cor clara, por vezes branca, a vestimenta paulatinamente se diferencia da adulta. Algumas roupas são reservadas para momentos especiais (batismo, primeira comunhão ou baile de máscaras, por exemplo). (Nascimento, 2001: 120).

A modificação no vestuário infantil foi lenta e gradual, pois não se tratava de uma simples modificação na forma de se vestir, mas sim de uma construção social do lugar de pertencimento da criança dentro da sociedade adultocêntrica, a qual ela é inserida logo que nasce.

Progressivamente a analogia entre criança e adulto vai se amenizando até o nascimento de um estilo próprio de vestimenta infantil que é registrado nas

elegantes meninas de Renoir, nas crianças de Mancini, nas crianças pobres com vestimentas remendadas (...) (Nascimento apud Becchi, 2001:121).

Fig. 14



Rosa e Azul. Renoir, 1881. Fonte: [//www.sescsp.org.br](http://www.sescsp.org.br)

Observamos através da pintura de Renoir (fig. 14) os primeiros registros da modificação do vestuário infantil. Paulatinamente as roupas das crianças passam a ter características próprias e distintas das dos adultos. Foi ao longo do século XIX, que as roupas se tornaram mais confortáveis e cômodas, segundo Nascimento (2001).

A figura 15 mostra cinco irmãos no início do século XIX com roupas que os diferenciam em relação ao gênero. As meninas utilizam vestido e o menino uniforme militar. É interessante notar que a menina mais nova segura uma boneca. Segundo Nascimento (2001), a boneca representa o bebê, sendo por excelência um brinquedo para a tomada de consciência da identidade feminina.



FIG.15

Irmãos e Irmãs, 1920. Família Kauffmann. (Leite. Retratos de Família.2001:101)

CAPÍTULO III

AS ROUPAS E AS CRIANÇAS, HOJE...

*A mudança na realidade
econômica, associada ao acesso
das crianças a informações
sobre o mundo adulto,
transformou drasticamente a
infância.
Steinberg e Kincheloe, 2001:13*

3.1- Roupas: uma relação de gênero.

Vimos que a transição das roupas das crianças desde os primórdios até os dias atuais não se concretizou em uma trajetória rápida ou simples.

Durante muitos séculos, as crianças utilizaram roupas que não proporcionavam liberdade aos seus movimentos e nem mesmo respeitavam a fase peculiar de suas vidas: a infância. Também nos deparamos com uma dificuldade bastante acentuada na questão relacionada ao gênero, durante séculos os meninos se vestiram como meninas e as meninas nem sequer foram respeitadas como crianças e se vestiam como mulheres.

Lurie (1997) acrescenta que até nos dias atuais as roupas de meninos e meninas podem ser muitas parecidas quanto ao corte e ao tecido, porém o que traz uma divisão

bastante sólida de gênero são as cores do vestuário. Quanto menor a criança mais acentuada a questão que diz respeito a cor de sua roupa. Lurie (op cit) diz que é muito comum vermos quartos de meninos decorados com diferentes detalhes, porém tudo ou quase tudo em diferentes nuances de azul; o mesmo acontece com as meninas, porém na cor rosa. Essa mesma autora afirma que na nossa cultura o rosa está associado ao sentimento e o azul com o trabalho. Embora as meninas utilizem mais tarde o azul é raríssimo encontrarmos um homem vestido de rosa e muitas vezes, quando um a utiliza tem sua masculinidade colocada em xeque, como essa cor fosse proibida para esse sexo.

Fig.16



Fonte: www.marisa.com.br

Fig.17



Fonte: www.marisa.com.br

Essa distinção de cores é algo tão arraigado em nossa sociedade que até mesmo as crianças julgam seus parceiros quando um menino, por exemplo, usa a cor rosa:

No refeitório, durante o lanche, o Ted me chamou e falou:

- O tia, o Roberto tem relógio de menina!

Perguntei-lhe por que ele dizia que o relógio do amigo era de menina e ele respondeu:

- Porque é rosa! E acrescentou:

- O meu é de homem!

Perguntei-lhe porque o seu é de homem.

-Porque eu vi a cor é de homem, ô!

Olhei seu relógio de homem e vi que era nas cores preta com detalhes em prata. E Ted falou mais:

- O Roberto é menina!

(Jardim II, 4 anos)⁸

O diálogo acima faz parte de uma dissertação de mestrado de Costa (2004). Trata-se do recorte da fala de uma criança que demonstra como as próprias crianças encaram a divisão sexista entre meninos e meninas no que diz respeito às cores dos objetos e utensílios que a elas são destinados. O rosa é encarado como uma cor proibida para os meninos.

A respeito de outras tonalidades de cores de nosso vestuário, Lurie (1997) diz que as cores preta e cinza, por exemplo, assim como a branca tem uma conotação racial. Essa conotação racial diz respeito ao fato de nos autoentitularmos entre brancos e negros, sendo que na verdade quando pensamos nas “cores” de pele observa-se que existem pessoas com pele castanho-rosada e negros com pele morena ou dourada. Embora existam essas diferenças as pessoas foram subdivididas entre grupos raciais, e entre

⁸ COSTA, de Arlete. *Cenas de meninas e meninos no cotidiano institucional da Educação Infantil: um estudo sobre as relações de gênero*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, UFS, 2004

eles brancos e negros. Para Lurie (op cit) trata-se de um “erro histórico” e ela ainda acrescenta:

O resultado dessa tragédia semântica furtiva foi associar a pele morena e rosada à virtude e limpeza, e a marrom ou dourada à maldade, à sujeira e ao perigo. (Lurie, 1997:197).

A questão das cores das roupas não é a única forma de divisão entre os gêneros. As brincadeiras também podem sofrer essas divisões. Essas divisões, entre o que é brincadeira de menino e o que é brincadeira de menina, começa desde muito cedo. Os adultos são forte sujeitos que têm o poder de incentivar as crianças (meninos e meninas) para que eles comecem desde cedo a fazer essas diferenciações.

Sexismo é tudo aquilo que limita cada pessoa em lidar com seu jeito de ser. Por que meninos têm de jogar bola e só meninas brincam de casinha? Esses preconceitos começam na infância ensinados pelos adultos. (Biagio, 2005:33).

Segundo Biagio (2005) o sexismo é uma herança cultural transmitida a gerações, portanto trata-se de um padrão social. As diferenças entre meninos e meninas são postas de acordo com a forma como eles se vestem, brincam e também sobre suas atitudes. Espera-se que as meninas sejam calmas, organizadas, gostem da cor rosa e de brincar de casinha e boneca; enquanto isso se espera que os meninos gostem da cor azul, de brincar de lutinha, caminhão ou qualquer outra brincadeira bruta ou considerada “masculina”. A concepção de gênero é uma categoria importante para ser entendida. Dessa forma, é possível que se faça a tentativa de se contrapor às idéias que estejam vinculadas a uma concepção baseada na naturalidade de que as meninas sejam desse jeito e não de outro e o mesmo acontece com os meninos. Segundo Auad (2006) “as visões naturalistas sobre mulheres, meninas e homens e meninos

representam travas para a superação de desigualdades”. Tais desigualdades quando analisadas, podem ser vinculadas às questões que dizem respeito às relações de poder. Trata-se, portanto, de uma construção histórica, pois através de convenções criadas por diferentes sociedades observamos que são feitas atribuições sobre quais as características pertinentes aos homens e as mulheres são muito bem definidas.

As questões de gênero estão vinculadas à cultura, portanto podendo sofrer modificações. É possível vermos, a todo o momento, durante as brincadeiras entre meninos e meninas, as transgressões dessas regras sociais em que meninos brincam de boneca e meninas brincam de caminhãozinho, por exemplo. As restrições causadas pela impossibilidade dessas brincadeiras podem causar conseqüências sérias para as crianças

...a conseqüência da prática do sexismo é a restrição de possibilidades no campo social e individual, danosa. No campo mais individual, o resultado é o sofrimento psíquico, de não se sentir de acordo com os padrões estabelecidos, de se sentir fora, excluído, depreciado, diferente. (Biagio apud Sayão, 2005:33).

As instituições escolares, incluindo creches e pré-escolas, têm papel fundamental nas questões que envolvem o sexismo. No caso das creches, as crianças passam a maior parte do tempo dentro dessas instituições, convivendo em um coletivo de crianças e adultos diferentes dos da sua família, compartilhando espaços e brincadeiras. Nesse caso, irá depender muito da concepção que a instituição e as professoras⁹ possuem em torno desse aspecto (gênero, sexismo). É muito importante observarmos que quando tolhemos uma brincadeira de uma menina porque “aquela brincadeira é de menino”

⁹ Utilizarei professoras no feminino, pois a maior parte dos profissionais que trabalham dentro das escolas, pré-escolas e creches (principalmente) são mulheres. Tanto no caso de professoras quanto de monitoras, o sexo feminino ocupa a maior parte das vagas de ocupação nesse trabalho.

estamos diminuindo as chances dessa criança ter outras experiências e desenvolver talentos e habilidades.

A escola pode ajudar a criança a se libertar dessas amarras e a desenvolver plenamente suas capacidades. (Biaggio, 2005:33).

As crianças convivem e são contaminadas com os pressupostos que os adultos possuem a cerca de determinados assuntos. As questões que envolvem preconceitos, por exemplo, dependem muito da vivência de cada pessoa, sua concepção de vida, mundo e respeito. Portanto, trata-se de questões muito complexas.

É possível observarmos que a indústria dos brinquedos se utiliza muito dessa divisão sexista. Geralmente para as meninas são fabricados brinquedos voltados para os afazeres domésticos e maternos e os meninos brinquedos como armas, bolas, pipas... É muito comum existir um profundo estranhamento por parte de alguns pais e professores quando um menino brinca de boneca, pois se espera que ele se interesse pelos brinquedos que socialmente são concebidos para os meninos. Segundo Biagio (op cit) existe uma vigilância em relação à masculinidade, diferente do que ocorre com as meninas. O temor que os meninos brinquem com os brinquedos que são destinados às meninas causa muita preocupação nos adultos, como se essa escolha pela brincadeira fosse determinar qual opção sexual esse menino, futuramente, terá em sua vida.

Segundo a socióloga Rosemeire dos Santos Brito "há muitos estudos sobre a discriminação contra a mulher, mas só recentemente começamos a discutir o preconceito contra os homens". É importante pensar nas restrições as quais, muitas

vezes, os meninos são submetidos. Os tempos mudaram. As mulheres estão, cada vez mais, dividindo seu tempo entre as diferentes funções que elas exercem: mãe, esposa, profissional, mulher. Isso significa que os homens estão executando tarefas que até pouco tempo eram encaradas como atividades femininas, como por exemplo cuidar dos filhos ou fazer alguma tarefa doméstica. Portanto, não é de se estranhar que os meninos assistam a essas mudanças de comportamento e as reproduzam em suas brincadeiras.

É muito importante ressaltar que as categorias: feminino e masculino, são conceitos construídos socialmente. Diferente das características físicas que diferenciam homens e mulheres (homens têm pênis e mulheres vagina), as categorias de gênero dizem respeito ao que se espera de um cada um dos sexos. Desde que o bebê nasce, existem expectativas diferentes conforme seu sexo.

Fig. 18



Revista Crescer, abril de 2007.

Na imagem acima observamos um bebê do sexo feminino com roupas cor de rosa em um espaço que nos lembra fragilidade e delicadeza.

Muitas vezes, quando um menino escolhe brincar de boneca ou uma menina jogar futebol, o estranhamento causado nos adultos fica todo vinculado ao questionamento

da opção sexual daquela criança. Um aspecto muito importante que é o lúdico, a brincadeira, a inversão de papéis fica esquecido. Infelizmente, é possível notarmos que os estereótipos são empregados com muito mais naturalidade e são pouco questionados dentro da escola: quando, por exemplo, é solicitado para que as crianças façam fila e esta é organizada por sexo: meninos em uma fila e meninas em outra fila.

Ao pensar nas questões que diferenciam meninos de meninas, as roupas são artefatos sociais importantes, para a discussão sobre gênero.

Ao longo de toda história da humanidade foram sendo construídas roupas que possibilitassem as diferenciações entre meninos e meninas. É possível observarmos na fig. da página 42 que a criança utiliza uma roupa que aparenta ser muito confortável, possibilitando liberdade aos seus movimentos. A construção do vestuário infantil foi lenta e gradativa.

Os estudos mostram que o vestuário também é uma forma de construção social, portanto se a infância não era reconhecida, um traje específico para essa fase não era algo importante. Mesmo os meninos tendo antes das meninas uma roupa que caracterizava sua condição de criança e não de adulto em miniatura, meninas e meninos, passaram a possuir em seu vestuário características que os diferenciam.

Atualmente existe uma grande oferta de roupas e acessórios destinados ao público infantil. Não só as roupas ganharam destaque, mas também acessórios e calçados. A vestimenta infantil vem cada vez mais, ganhando sua especificidade, mas ao mesmo tempo se confundido com o que é próprio do mundo adulto. Não é nada improvável encontrarmos crianças utilizando calçados desconfortáveis, com solado alto ou inflexíveis. Essas características acabam tornando esse item do vestuário como algo

impróprio para a preservação dos movimentos característicos das crianças, podendo até causar lesões ou agressões para o seu crescimento.

As roupas destinadas às crianças, muitas vezes, também não contemplam suas necessidades de experiências sensoriais e de liberdade de movimento. A criança pequena também necessita de um vestuário que lhe cause a sensação de conforto e liberdade. Não é nada raro encontrarmos mães que agasalham excessivamente seus filhos na intenção de protegê-los contra doenças, porém elas não imaginam o quanto podem estar prejudicando suas experiências.

No sentido de tomar a criança neste período apta para mover e brincar, para desenvolver e crescer livremente, e sem obstáculo, suas roupas precisam ser livres de laços e pressões de todos os tipos: para isso vestimentas precisam afetas o espírito da criança. A vestimenta da criança não pode cegar o corpo; deve ter em mente, na alma da criança, o mesmo efeito do corpo. (...) Vestimenta é um dado importante, para a criança ou o adulto. (Kishimoto e Pinazza apud Froebel, 2007:49).

Em 1912, Froebel já mencionava a importância de uma vestimenta que proporcionasse à criança condições para suas brincadeiras. Um bebê que começa engatinhar ou andar e fica o tempo todo de meias ou sobre tecidos não tem a experiência sensorial de texturas diversificadas como a grama, o cimento, um piso frio. Enfim, a vestimenta pode interferir diretamente nas experiências vivenciadas por essa criança, podendo limitá-las, causando desconforto e reduzindo suas possibilidades de movimento.

A imagem da pág. 45 (fig. 19) mostra uma criança (menina) com uma roupa que aparenta dar liberdade aos seus movimentos, porém é possível notarmos a presença

de detalhes (babados) e acessórios (chapéu) que nos lembram um vestuário utilizado por crianças há alguns séculos atrás.

Fig.19



Fonte: Revista Crescer, setembro de 2006.

3.2- Moda infantil e o Mercado Consumista.

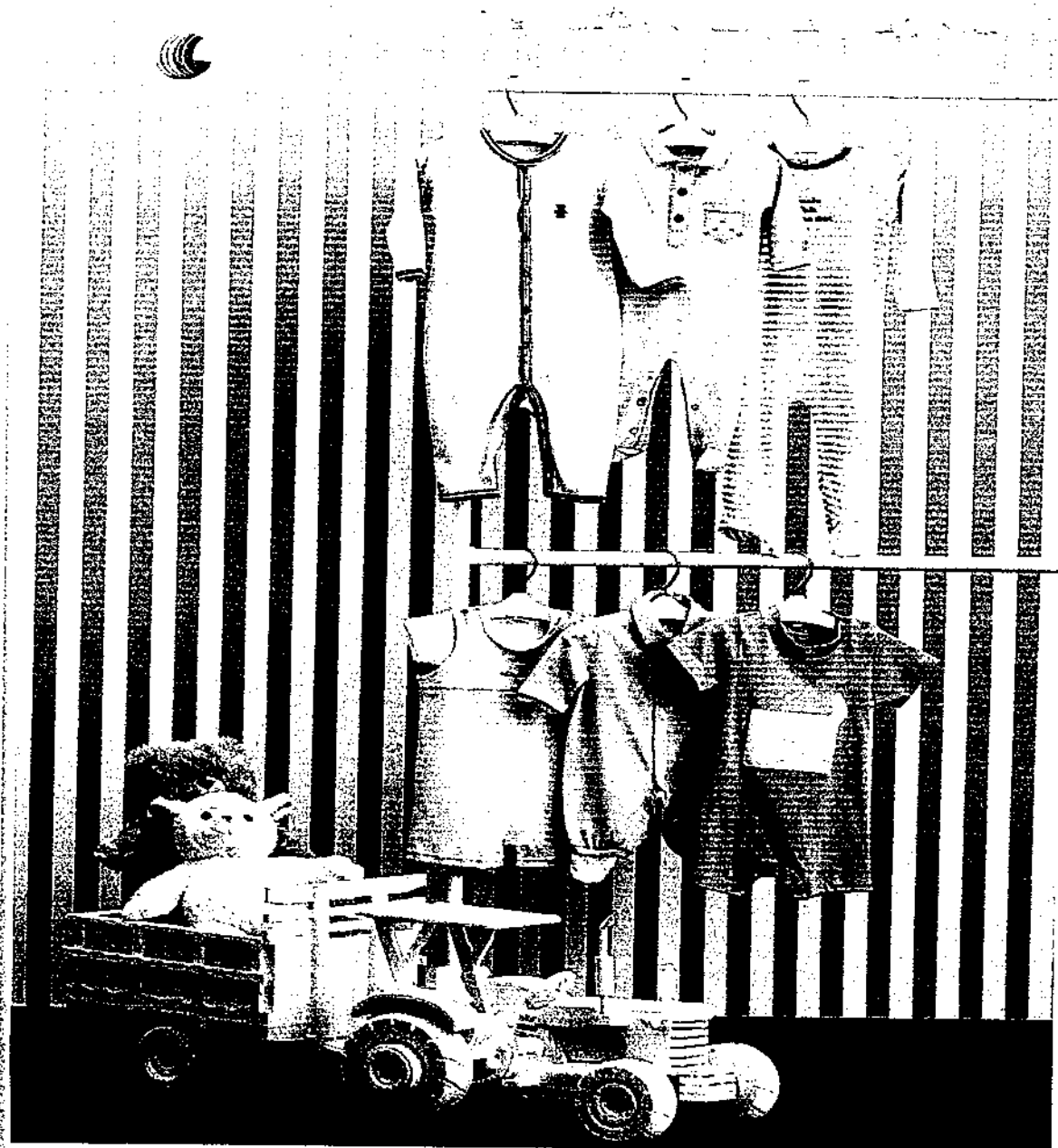
Acredito ser importante situar o leitor sobre o significado da palavra moda. É importante perceber que a moda pode estar relacionada a vários objetos como: carros, mobília, cor, roupas. Segundo Röhring (2001) a moda possui uma qualidade inseparável: a efemeridade, ou seja, trata-se de algo que é passageiro. Há alguns anos atrás, a moda tinha um espaço de tempo relacionado há anos ou meses. Atualmente, esse espaço de tempo modificou-se muito, podendo até ser considerado como algo inexistente.

Segundo Röhring (op cit) essa modificação no tempo está ligada ao avanço como as informações e notícias são veiculadas. A Internet e a televisão são exemplos de como, praticamente, as coisas são mostradas no momento em que estão acontecendo. A moda também passa a ser divulgada em uma velocidade muito grande e uma novidade que levava meses ou até anos para chegar em diferentes lugares do mundo passa a ser disponibilizada em um curto espaço de tempo. Mas, não é apenas no tempo que a moda leva para ser difundida, mas também o tempo que algo se torna moda e, rapidamente, deixa de ser moda. As coisas são moda em um momento e em outro já se tornam coisas "fora da moda". É o que acontece com as roupas, por exemplo.

As crianças são rodeadas de diversos produtos, desde brinquedos, alimentos, calçados, roupas, que insistentemente são oferecidos a elas através da televisão, outdoors, da Internet, de revistas infantis que as incentivem a tornarem-se consumidoras desses produtos. Mas, como tudo o que está na moda, esses produtos são renovados quase que diariamente e, cada vez mais, as crianças são incentivadas a consumi-los.

É importante pensarmos também que, às vezes, esses objetos de consumo não são acessíveis a todas as classes sociais. As roupas destinadas às crianças também podem ter um preço que restringe bastante o número de crianças que teriam acesso a elas. Algumas roupas infantis, por serem de determinada “marca” e por conotarem determinado status social e econômico, possuem preços exorbitantes e fogem a realidade de grande parte da população brasileira. As imagens abaixo são da *Revista Crescer* (abril de 2007) e mostram modelos de roupas para bebês que possuem preços relativamente caros.

Figura 20

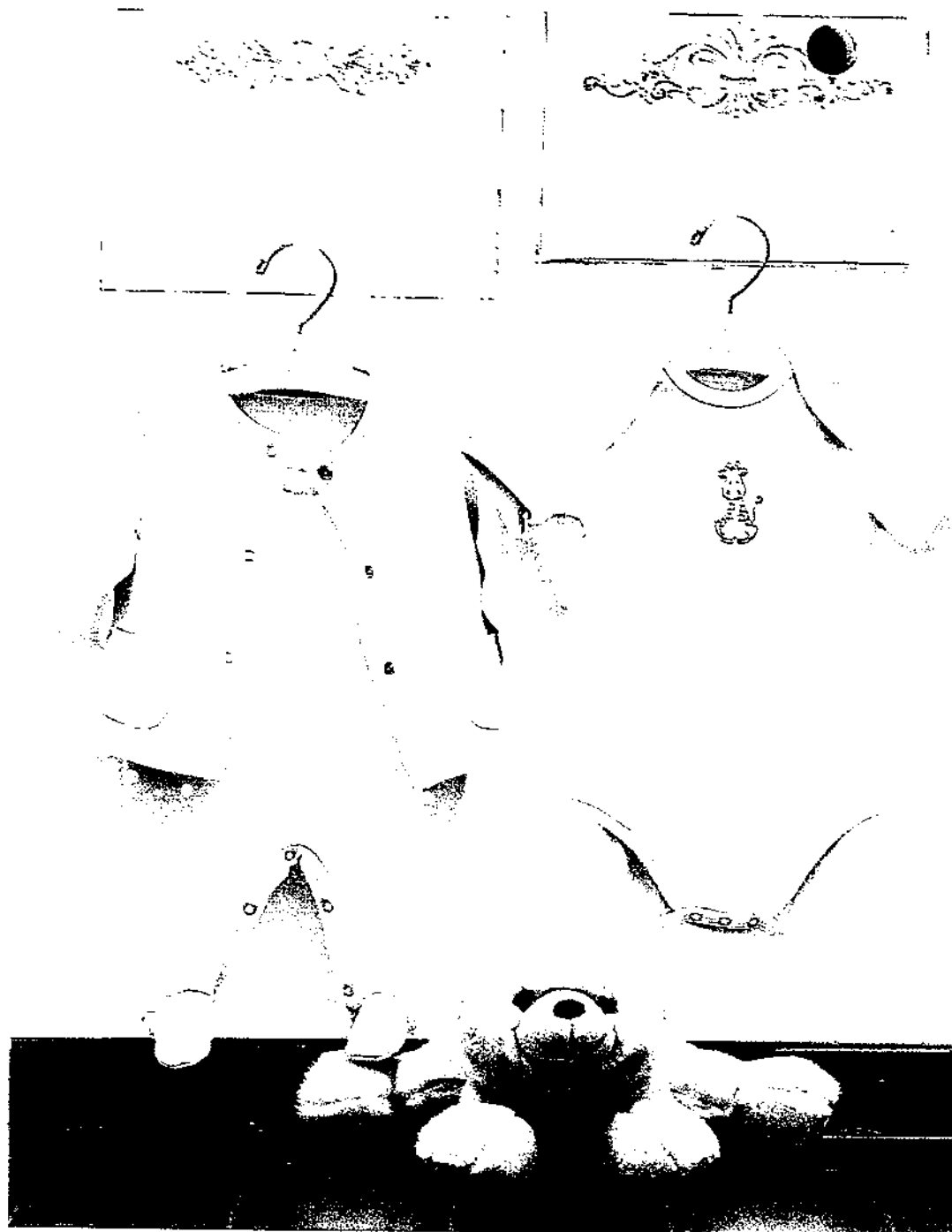


Macacão com acabamento em malha listada, da Place des Mamas (R\$ 49,90). Com gola pólo, da Va... Lutin (R\$ 94). Todo listado, da Bonpoint (R\$ 254). Conjunto de salopete com boné, da La e Lu (R\$ 138). Com fechamento de botão, da You (R\$ 83). Com aplicação de avião, da VIC (R\$ 74,60)

www.crescer.com.br 83

Revista Crescer, abril de 2007.

Figura 21



Conjunto de macacão com casaco, da VIC (R\$ 110,40); body, da Infanti (R\$ 34, com duas unidades)

Revista Crescer, abril de 2007.

Na figura 1 vemos a propaganda de roupas para bebês (meninos). O texto abaixo indica o produto e os preços:

"Macacão com acabamento em malha listrada, da Place dês Mamas (R\$49,90). Com gola pólo, da Va...Lutin (R\$ 94). Todo listrado, da Bonpoit (R\$254). Conjunto de salopete com boné, da La e Lu (R\$138). Com fechamento de botão, da You (R\$83). Com aplicação de avião, da VIC (R\$74,60)."

Observamos que nessas roupas para meninos, os preços que estão aquém do poder aquisitivo de muitas famílias.

Na figura 2 vemos a propaganda de roupas para bebês (meninas). O texto abaixo indica os produtos e os preços:

"Conjunto de macacão com casaco, da Vic (R\$110,40); body, da Infanti (R\$ 34, com duas unidades)".

Para as meninas, percebemos que existe a predominância da cor rosa. Assim como no exemplo das roupas dos meninos, percebemos que as roupas acima descritas possuem preços que acabam por dificultar, ou melhor, inviabilizar o acesso de crianças das classes populares ao seu consumo. É possível percebermos que as roupas continuam sendo, sem dúvida, uma marca de status social.

Embora algumas crianças tenham condições de adquirir roupas como as acima descritas, é necessário salientarmos que muitas crianças não possuem condições mínimas de vestimentas e acabam utilizando trajes em situações precárias (*ver figura 3 na p.43*). Crianças pertencentes às classes populares não têm condições nem se quer para utilizar roupas em bom estado de conservação. Roupas rasgadas, desgastadas, remendadas, grandes, fazem parte de seu vestuário.

Não é o mesmo que ocorre no meio operário ou camponês onde as crianças continuam a se vestir toscamente com roupas por vezes grandes e desgastadas, sinal de que foram herdadas dos mais velhos. A seminudez é freqüente, fruto da inexistência ou da precariedade de outros trajes. (Nascimento, 2001:120)

As imagens abaixo pertencem ao livro de Sebastião Salgado. Nessas imagens observamos crianças com roupas desgastadas aparentando péssimas condições de uso



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24



Fig. 25

Imagens de Sebastião Salgado, contidas no livro: "Retratos de Crianças do Êxodo, Companhia das Letras, Brasil, 2000".

3.3 – As Roupas disponíveis para as Crianças.

Muitas roupas que estão disponíveis em lojas para crianças possuem ligação com super- heróis ou a princesas que estão na moda do "mundo infantil". Vinculado a um personagem, o mercado disponibiliza diversos produtos, induzindo as crianças a consumi-los das mais diferentes formas. Não é nada incomum, vermos meninos com tênis do Homem Aranha, camiseta, mochila, fantasias e outros tantos produtos que estão vinculados a esse personagem. Atualmente, até os filmes infantis, saem das telas do cinema direto para as caixinhas dos sanduíches, incentivando não só as crianças consumirem esse alimento como também, repetidamente consumi-lo para colecionar os bonecos que o acompanham.

Interesses comerciais ditam a cultura infantil da mídia; a margem de lucro é muito importante para se imporem com o que concerne ao bem-estar das crianças. (Steinberg e Kincheloe, 2001:24)

Atualmente, é possível observarmos que alguns personagens infantis que são lançados, por exemplo, nas telas do cinema, não possuem uma separação sexista, ou seja, esses personagens cativam meninos e meninas. Dessa forma, os produtos vinculados ao personagem são consumidos tanto por meninas como por meninos.

Mas, personagens que fazem uma severa separação sexista, ainda continuam na moda para a criançada, como é o caso das princesas como Cinderela, Branca de Neve, A Bela Adormecida, entre outras, para as meninas e os super-heróis como Batman, Homem Aranha, Super- Homem, para os meninos.

Steinberg e Kincheloe (2001) atribuem mudanças à infância devido às modificações relacionadas à realidade econômica e o acesso das crianças ao mundo adulto. Até alguns anos atrás, não era nenhum pouco raro, vermos mães e pais escolhendo para seus filhos, roupas, brinquedos, calçados, através de seu julgamento próprio de escolha. Essa realidade vem mudando a cada dia. As crianças escolhem aquilo que elas querem consumir e induzem seus pais a consumirem os produtos que elas julgam ser os adequados. Segundo as autoras, não existe dúvida nenhuma que, a cada dia, a infância vem sofrendo modificações devido ao resultado do contato da criança com a cultura infantil. Os pais estão cada vez mais distantes de seus filhos, as crianças passam mais tempo na creche, ou na escola. Ou seja, outras instituições também estão contribuindo para a construção de valores e comportamentos nas crianças. Não apenas instituições, mas também outras corporações (tv, cinema, vídeo game...) estão contribuindo com essas modificações.

Fig. 26



Meninos de Garanhuns. Imagem de Lucy Passos.

Fonte: [www. http://br.images.search.yahoo.com](http://br.images.search.yahoo.com)

Enfim, o que observamos é que, a cada dia, as crianças, têm mais acesso ao mundo dos adultos, o que acabou gerando discussões sobre a diminuição do poder do adulto sobre as crianças.

Há muito tempo os mais velhos sabiam mais que as crianças sobre as experiências da juventude; dadas às mudanças sociais/tecnológicas (videogames, computadores, programas de TV etc), eles muitas vezes sabem menos. Conseqüentemente, a autoridade do meio adulto é minada, com a experiência geracional das crianças assumindo seu próprio caráter. (Steinberg e Kincheloe, 2001:76-77).

As crianças que compõem a contemporaneidade são muito diferentes daquelas que eram encaradas como adultos em miniatura, ou aquelas que eram tidas como ingênuas e sensíveis. A criança contemporânea é questionadora e transgressora.

Segundo Trindade (2002), em um censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) as crianças entre zero e 14 anos representam mais de 50 milhões dos brasileiros e 78% dessas crianças, vivem em cidades, ou seja, muito próximas dos grandes centros de consumo. Trindade (op cit) demonstra, através de uma estimativa, extra oficial, que no ano de 1997 foi registrado um gasto de US\$ 9 bilhões com roupas, brinquedos, calçados e alimentos para o segmento das crianças, sendo que, 30% foi referente ao faturamento do setor de vestuário infantil.

As crianças são cada vez mais incentivadas a consumir produtos de gêneros dos mais distintos possíveis. As propagandas televisivas são a cada dia mais direcionadas à criança, que é o alvo, enquanto consumidor. Segundo Trindade (2002) a criança tem uma forte tendência a ser influenciada por agentes externos, porém isso não quer dizer que a criança possua características de passividade ou de apropriação de tudo que vê sem antes fazer seu próprio julgamento. A criança é uma consumidora diferente do adulto e precisa ser observada e respeitada como tal.

A criança cedo começa a distinguir e separar coisas. Não acredita nos comerciais que a tratam em tons condescendentes e até os rejeita; tampouco acredita em todos os comerciais de TV, duvida de heróis que ganham de um número exagerado de bandidos e conta os tiros e flechadas possíveis de serem desfechados com esta ou aquela arma vendo na impossibilidade do real o fantástico. Gosta de cantar junto, de participar, colecionar coisas, escrever para ganhar prêmios e brindes, desenhar e participar de concursos. (Trindade apud Gade, 2002: 2).

É necessário dar atenção ao consumismo infantil. Se pararmos para refletir, logo perceberemos que não são raros os adultos que compram por impulso. O que dizer então das crianças que estão compartilhando o papel de consumidores, cada vez mais cedo com os adultos? Vários são os motivos levantados para argumentar o

consumismo infantil, dentre eles, podemos citar o fato dos pais presentear constantemente seus filhos como forma de compensação de sua ausência, por exemplo.

Estas corporações que fazem propaganda de toda a parafernália para as crianças consumirem promovem uma "teologia de consumo" que efetivamente promete redenção e felicidade através do ato de consumo. (Steinberg e Kincheloe, 2001: 24).

Aliado ao fato da criança constantemente ser incentivada ao consumo, posturas como a citada acima, são muito comuns em nossa sociedade, que está observando uma mudança social ligada à modificação do perfil das famílias na contemporaneidade. As mulheres, não ficam mais só em casa cuidando dos filhos e de seus afazeres domésticos, isso implica em uma profunda modificação na incumbência da criação das crianças. O fato da saída das mulheres para o mercado de trabalho também interfere no fato do aumento do consumo por parte das crianças. Mães (e pais) equivocadas acreditam que comprando "coisas" para seus filhos e filhas estarão de alguma forma compensando sua falta. Até então, a mãe era a responsável pelos cuidados e educação das crianças, porém as creches, escolas e outros adultos, que às vezes, nem fazem parte da família, estão assumindo esse papel. Além dessas instituições, como já citamos, outras corporações também contribuem com a modificação dessas características ligadas à "tutela" da criança.

Além de todas essas transformações, também não é possível deixar de citar as modificações na família, em que outras formas de arranjos familiares são muito comuns, como por exemplo: famílias com pais separados, aumento das famílias com

filhos únicos, isso sem falarmos em formas não menos comuns, mas possíveis de serem encontradas, como é o caso de filhos de casais homossexuais.

Com todas essas modificações sociais em torno da infância, não é possível imaginarmos crianças com características que se assemelham com as de décadas atrás.

Conhecendo seu poder de mergulhar fundo seus tentáculos na vida privada das crianças, os produtores corporativos da cultura infantil constantemente desestabilizam-lhes a identidade. Ao mesmo tempo, contudo, novos produtos – brinquedos, filmes, TV, videogames, moda, literatura – esforçam-se em restabelecer novas identidades através do ato de consumo. (Steinberg e Kincheloe, 2001: 26-27).

De acordo com Trindade (2002) a criança passa por diferentes estágios que são associados à idade e influenciam seu consumo

De 0 a 2 anos, dá-se a fase do Universo das Observações, na qual a criança descobre as compras acompanhada pelos pais (...) O Universo das Indagações (dos 3 aos 5 anos) é a fase do “eu quero”, em que a criança inicia a manifestação de seus desejos de compra e fazem suas solicitações aos pais. Elas já são capazes de reconhecer marcas, distinguir entre embalagens e localizar produtos nas prateleiras. Quando a criança começa a assumir uma postura mais ativa e seletiva em relação às escolhas de marcas e produtos, ela entra no Universo Racional, que compreende a faixa dos 6 aos 12 anos de idade. (Trindade apud Santos, 2000: 63-64).

Através desses diferentes estágios é possível observarmos diferentes posturas das crianças acerca daquilo que elas consomem. Em cada idade é possível notarmos atitudes bastante diversas em relação ao ato de consumir. Também é importante pensar que as crianças são inseridas no mundo das compras pelos pais, que segundo Santos (2000) é a primeira etapa da criança em seu papel de consumidora.

Em uma determinada fase da vida a criança é considerada como um consumidor passivo, pois quem decide o que ela irá consumir são os pais ou adultos que por ela são responsáveis. Porém, segundo Wells (Trindade apud Wells 1966: 139) a criança tem influência sobre a compra, os adultos acabam comprando para ela os produtos que eles observam que são de sua preferência. Será na fase do Universo das Indagações que a criança começará decidir sobre aquilo que ela tem preferência por consumir.

Segundo Trindade (op cit) em relação ao consumo direcionado ao vestuário acontece algo muito semelhante ao que acontece com produtos voltados para a alimentação, que acabam incentivando o seu consumo não pelo alimento em si, mas pelo fato de quererem comer no McDonald's, por exemplo. Não se trata só de se alimentar é necessário ser em lugar específico.

No caso do vestuário, até uma determinada idade a criança prefere roupas que sejam confortáveis e permitam a liberdade de seus movimentos, quando entra na adolescência a preocupação muda, pois a forma como se veste "conota também a expressão de sua identidade e psicosexualidade".

3.4 – O Vestuário Infantil na pós-modernidade.

Segundo Trindade (2002) o vestuário sofre as influências do momento histórico, espaço geográfico e de diferentes categorias culturais que vão desde raça, etnia, religião, idade até sexo.

De acordo com toda a evolução do vestuário feita até aqui, foi possível notar que esse sofreu modificações até chegar onde conhecemos hoje. Não foram só as roupas das crianças, mas também de homens e mulheres, que percorreram esse longo

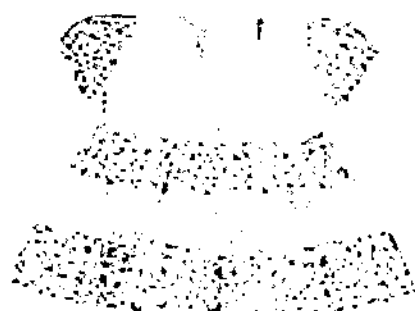
processo de modificação. Porém, irei me debruçar sobre o vestuário destinado para crianças (0 a 12 anos).

Através do estudo da história do vestuário foi possível perceber que a humanidade buscou formas para conseguir proteger seu corpo contra o frio e mais tarde com a descoberta do curtimento e da agulha foi possível dar forma às roupas. A modelagem do vestuário ao corpo tornou-se primordial para proporcionar liberdade aos movimentos do corpo

Observa-se que mesmo em períodos remotos da história da humanidade, à medida que o homem desenvolve seus instrumentos de trabalho, desenvolve-se com ele a necessidade de produzir o vestuário de uma maneira adequada ao seu corpo num sentido que lhe permitisse os movimentos necessários para as atividades cotidianas. (...) Nesse sentido, faz-se necessário quanto ao vestuário infantil, que a modelagem, seja elaborada de forma a proporcionar conforto e liberdade de movimentos às crianças. (Trindade, 2002: 8)

É necessário que as roupas infantis proporcionem liberdade de movimento, que o tecido seja confortável, que não aperte ou cause nenhum tipo de incômodo. Determinadas roupas podem não atender a essas necessidades impossibilitando movimentos, causando alergias, sendo quentes e não favorecendo que as crianças executem seus movimentos com segurança. Muitas vezes, o adulto para proteger a criança exagera nos cuidados e acaba impossibilitando a liberdade de movimentos quando coloca determinados tipos de roupa. Nesse caso me refiro às crianças menores que são dependentes dos adultos, pois as um pouquinho maiores já escolhem aquilo que preferem.

A seguir apresento alguns modelos de roupas infantis para meninos e meninas de 0 a 12 meses que estão disponíveis para serem compradas em uma grande rede de lojas¹⁰ popular que possui preços acessíveis.



¹⁰ Lojas Marisa. Roupas disponíveis no site: www.marisa.com.br



Fonte: www.marisa.com.br

É possível observarmos roupas de diferentes modelos: camisetas, macacões, vestidos e shorts. Todas as roupas escolhidas são de algodão, segundo informações contidas no site. O site consultado é para compras on line, ele é dividido por faixa etária. É possível perceber, no site uma predominância da cor rosa para as meninas e azul para os meninos no setor de vestuário.

Um dado interessante é na estampa de uma das roupas da página anterior. Uma das camisetas tem o desenho de um carro e é destinada para o consumo de meninos. Até aí nada de interessante, porém, esse desenho remete a um filme chamado “Carros” da Walt Disney Picture.

Como vimos anteriormente, a criança passa por um estágio em que ela é um consumidor passivo. Porém, a criança tem influência sobre a compra que será feita pelo adulto. Dificilmente um adulto compraria essa camiseta para uma menina, já que o filme tem como personagens “carros” que geralmente são de grande interesse para os meninos e que são estereotipados enquanto um produto masculino, embora um grande número de mulheres sejam motoristas. Ao comprar produtos vinculados a esse personagem a criança, nesse primeiro momento através do adulto, estará comprando um produto de uma determinada marca e que pode, ao longo do tempo, se tornar uma preferência para compras futuras.

As roupas destinadas para as meninas, geralmente, têm cores claras, delicadas, com estampas de flores e borboletas e com babadinhos.

Embora com essa dicotomia bastante acentuada de gênero que essas roupas denotam aos seus consumidores, pois todas têm suas cores e estampadas bastante definidas para qual sexo elas pretendem ser designadas, todas parecem garantir liberdade de movimento e aparentam ser confeccionadas com tecido confortável.

Mas, é claro que não existem apenas roupas confortáveis para serem utilizadas pelas crianças, algumas roupas podem tolher os movimentos e prejudicar a exploração do espaço pela criança. As roupas de batizado são um exemplo desse incômodo que uma roupa pode causar.

Fig. 27



Fonte: www.manequim.abril.uol.com.br



Fig. 28



Fig.29

Fig. 30



Fonte: www.manequim.abril.uol.com.br

Nas imagens das páginas anteriores, observamos bebês utilizando roupas tradicionais de batizado consultadas em um site de uma revista de moda¹¹. Na imagem da página 41 vemos um bebê (menina) utilizando uma vestimenta longa e branca chamada de “mandrião”.¹² Ao lado da imagem tinha a seguinte orientação:

Tradição

O mandrião, esta vestimenta longa e branca, é a roupa tradicional do batizado e simboliza a pureza. Algumas famílias passam a peça de geração para geração. (...) Pode ser branco, o ideal é escolher os que tenham detalhes delicados, com renda e bordado nas mangas, na barra ou na gola.

¹¹ Revista Manequim da editora Abril.

¹² Mandrião: roupão curto para o uso doméstico de mulheres e crianças.

Ao observarmos o mandrião é possível lembramos de algumas roupas utilizada há séculos atrás pelas crianças, como as descritas por Ariès (1981).

Consideremos a bela tela de Philippe de Champaigne do museu de Reims que representa os sete filhos da família Harbert (...) os dois gêmeos, que estão afetuosamente de mãos dadas e ombros colados, têm apenas quatro anos e nove meses: eles não estão mais vestidos como adultos. Usam um vestido comprido, diferente daqueles das mulheres, pois é aberto na frente e fechado ora com botões, ora com agulhetas (...) (Ariès, 1981:70).

Nessa passagem Ariès (1981) descreve a vestimenta dos meninos pequenos que têm quatro anos e nove meses e que utilizavam uma espécie de vestido que não era igual o das mulheres. Essa vestimenta, na época, é destinada para as crianças, mas foi, um século antes, utilizada pelos adultos.

O mandrião que utiliza a criança da página anterior é uma sugestão de vestuário para os dias atuais (na circunstância do batizado), mas que preserva algumas características históricas de um vestuário arcaico. A estilista, que sugere essa vestimenta para essa data (o batizado), salienta que se trata de algo tradicional e que pode ser passado de geração para geração dentro de uma mesma família. Esse tipo de roupa (mandrião) não parece ser algo confortável, por ser longo, limita os movimentos e liberdade da criança. É válido salientar que não se trata de uma roupa para ser utilizada no dia a dia, porém de qualquer forma pode trazer incômodo para a criança. Em um outro site¹³, foi possível ser encontrado outros modelos de mandrião.

¹³ Site: www.luizabebe.com.br. Loja Luiza mamãe e bebê- São Paulo-SP.



Fig. 31

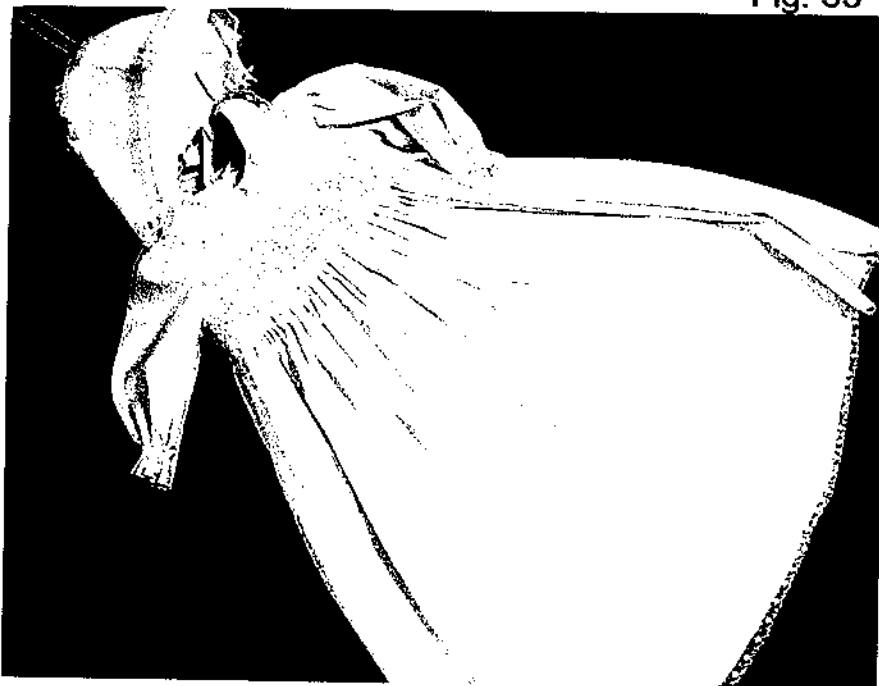


Fig. 32

Mandrião longo com bordado de laço no peito e na saia e fita de cetim na cintura.

Fonte: www.luizabebe.com.br

Fig. 33



*Mandrião em fustão com casinha de abelha.
Toquinha avulsa. Fonte: www.luizabebe.com.br*



*Mandrião em cambraia com o pregas no peito e laço de cetim.
Fonte: www.luizabebe.com.br*

Os “madrões” exibidos nas páginas anteriores são possíveis de serem encontrados atualmente em lojas especializadas para bebês. Eles possuem características de roupas como as descritas por Ariès¹⁴ longas, com babados, bordados, laços e são brancas. É possível notarmos pelas imagens que essas vestimentas possuem gola alta e justa ao pescoço da criança demonstrando que é possível que a criança sinta algum desconforto ao usá-lo.

Quedes e Barbosa (s.d.), trazem uma proposta para o vestuário infantil. Segundo essas autoras as roupas infantis

devem estar de acordo com o desenvolvimento físico, personalidade e atividades práticas pelos infantes.(...) O design da roupa infantil requer conforto tanto na modelagem como nos tecidos utilizados. Criança precisa de liberdade de movimentos para andar, correr, pular brincar e roupas desconfortáveis dificultam esses movimentos podendo até acarretar problemas de saúde, como postura, reações alérgicas, má circulação causada por roupas apertadas...

As autoras acima mencionadas salientam a importância da criação de roupas específicas para o uso das crianças, pois enquanto elas utilizavam roupas que eram miniatura das roupas utilizadas pelos adultos, as crianças não tinham sua especificidade respeitada. Quedes e Barbosa (op cit) dizem ser necessário à criação de coleções que atendam as necessidades das crianças. Segundo elas:

...devemos criar coleções para brincar, pular, correr, usar, sair... com a qualidade e a resistência necessárias, dentro das tendências da moda, nas cores, formas, texturas, aviamentos, com tecidos diferenciados, que apresentam toque sedoso, confortáveis, flexíveis, com lavagens de amaciamento (...).

Segundo Quedes e Barbosa (op cit) é necessário que a roupa tenha um caimento adequado e sejam confortáveis. Segundo essas autoras algumas roupas possuem

¹⁴ História Social da Criança e da Família, 1981.

características que podem dificultar o uso pela criança, é o caso de roupas que possuem decotes muito justos e dificultam a passagem da cabeça da criança, por serem demasiadamente apertados. Uma outra roupa que as autoras chamam a atenção diz respeito aos pijamas com pé que são apertados nos tornozelos e tornam a peça incômoda, assim como meias e shorts que possam causar incômodo no lugar onde o elástico fica em contato com a pele.

Para que as roupas atendam as necessidades das crianças é preciso que elas contemplem alguns conceitos como: folga, alinhamento, correr do tecido, equilíbrio e assentar. Segundo as autoras acima citadas seguindo esses conceitos, o vestuário infantil além de proporcionar qualidade e estética, irá garantir conforto e liberdade de movimentos para a criança.

3.5- A Roupas Infantil e a Moda.

Acredito que um ponto relevante para ser discutido dever ser a questão citada pelas autoras referente ao fazer roupas dentro da tendência da moda. De acordo com o que foi falado nas páginas anteriores, é possível percebermos que as roupas que estão disponíveis para o consumo das crianças têm, na maioria das vezes, uma vinculação a um personagem infantil como heróis ou princesas. Cabe salientar que, muitas vezes, essas roupas não possuem os requisitos, que acredito ser necessário, para que uma roupa seja considerada adequada para o uso da criança. Ou seja, não é nada incomum vermos crianças utilizando roupas quentes e apertadas, por exemplo, com estampas de

seus personagens preferidos e por isso elas se submetem a usá-las, não pelo conforto ou liberdade de movimentos, mas pelo significado que aquela roupa possui.



Fonte: Revista Veja, 1º novembro de 2006.

Na imagem da página anterior vemos uma menina de 7 anos utilizando um “uniforme” de uma banda de música espanhola¹⁵. É possível percebermos que não se trata de uma roupa comum, pois é composta por uma gravata e uma camisa. Essa roupa virou uma “febre” entre crianças e adolescentes devido à ligação que ela possui com “personagens” que são admirados por esse público.

Uma reportagem da revista *Veja* de 1º de novembro de 2006 mostra meninas que com menos de 7 anos já possuem interesse por “coisas” que não pertencem ao mundo adulto. A reportagem traz relatos das próprias crianças que ao invés de se interessarem

¹⁵ Essa banda é conhecida como “Rebeldes”. Além da música o grupo ficou conhecido entre as crianças e adolescentes porque eles tinham uma novela diária que era veiculada em um canal de televisão brasileira. Rapidamente essa banda ficou conhecida, não só no Brasil, mas em diversos outros países e virou uma “febre”

por brincadeiras preferem roupas, sapatos, cuidar dos cabelos ou ir a manicure. Uma das crianças da reportagem tem apenas 4 anos e é ela que decide o que vai vestir. Segundo a reportagem:

Pois é: por mais que os pais fiquem de cabelo em pé com a precocidade acelerada (...), as meninas estão exibindo traços de adolescente cada vez mais cedo, num movimento incontrolável estimulado pela televisão e cultivado pela interação nos grupos que freqüentam. Mesmo que estes ainda estejam na esfera do jardim-de-infância ou do prezinho (Revista Veja, 2006:111).



Ana Luiza, 5 anos. Revista Veja, 1º de novembro de 2006.

A reportagem ainda acrescenta que:

Nesse mundo de vaidades e interesses precoces, garotinhas que mal abandonaram a chupeta levam a mãe junto quando vão comprar roupas só porque não dirigem e não têm cartão de crédito. No mais, sabem tudo sobre marcas, modelos e cores. (Revista Veja, 2006:111).



Nicole 7 anos.

Fonte: Revista Veja 1º de novembro de 2006.

Foto de: Lailson Santos.

As crianças na contemporaneidade têm acesso a meios que até algum tempo atrás não eram tão difundidos como hoje. Como já foi falado nas páginas anteriores o perfil das famílias vem se alterando. Esses dois fatores associados resultam em uma noção de infância muito diferente da conceituada por Áries. A cultura infantil e a cultura popular contribuem para a construção de uma noção de infância pós-moderna. Segundo Steinberg e Kincheloe (2001):

O acesso das crianças contemporâneas à cultura infantil comercial e à cultura popular não apenas as motivou a se tornarem consumidoras hedonistas, mas também minou-lhes a inocência. (p. 33)



Revista Veja, 1º de novembro de 2006.

Foto de : Ernani d'Almeida. Veja on line



Foto de: Ernani d'Almeida. Veja on line

Não é nada incomum vermos crianças querendo se vestir como adultos. Como por exemplo, as meninas da reportagem da revista *Veja*, que afirmam gostar de usar sapatos de saltos altos, vestidos curtos, roupas de marca, batom... É como se em pleno século XXI observássemos os costumes do século XVII, em que as crianças utilizavam indiscriminadamente as roupas dos adultos.

É claro que as roupas dos adultos sofreram modificações ao longo desses séculos, deixaram o excesso de panos, fitas e bordados. Porém, cada vez mais as crianças têm interesse em usar as roupas dos adultos, tomando-se assim "adultos em miniatura" do século XXI.



Foto de: Ernani d'Almeida
Bettina, 3 anos e 11 meses. Revista Veja, 2006: 110.

Embora as crianças tenham espaço garantido nas vitrines das lojas, para as roupas que são destinadas a elas, percebemos que o interesse da criançada pelo “mundo adulto” começa cada vez mais cedo. Como já foi dito anteriormente, Steinberg e Kincheloe (2001), apontam para uma mudança na infância que está intimamente ligada com uma transformação na realidade econômica e a facilidade do acesso das crianças às informações do mundo dos adultos.

O “gênio” da infância tradicional saiu da garrafa e não consegue voltar. Textos recentes sobre o assunto, tanto na imprensa popular quanto na escolar, falam em “perda da infância”, “crianças crescendo muito rápido” e “terror das crianças no isolamento dos lares e comunidade fragmentados” (Steinberg e Kincheloe, 2001:13).

Mas será que todas as crianças brasileiras, mesmo com uma maciça fonte de informações a sua disposição, têm acesso a todos os bens materiais destinados para as crianças na pós-modernidade? Será que todas as crianças em “pé de igualdade” têm condições de adquirirem as vestimentas que são destinadas para elas? Certamente a resposta é não.

Segundo os dados dos Indicadores Sociais, realizado em 2002 pelo IBGE, metade da população brasileira tem rendimento entre meio a 2 salários mínimos. Essa mesma pesquisa demonstra que em famílias que existem crianças (independente se quem é o mantenedor da família é o homem ou a mulher) a renda per capita é menor. A família brasileira possui inúmeras despesas e o vestuário dentre os demais artigos utilizados pelas crianças, é apenas mais uma dessas despesas. Em famílias numerosas fica ainda mais difícil contemplar as demandas de consumo solicitadas pelas crianças.

Nascimento (2001) em sua pesquisa demonstra que ao longo do século XIX a vestimenta infantil foi se tornando adequada e as crianças passam a utilizá-la, porém,

não é o mesmo que ocorre no meio operário ou camponês onde as crianças continuam a vestir-se toscamente com roupas por vezes muito grandes e desgastadas, sinal de que foram herdadas dos mais velhos. (p.120)

É possível percebermos que desde esse período o vestuário destinado às crianças, não se tornou um utensílio comum a todas elas, pois as condições sócio-econômicas se constituíam como impedimento. Atualmente, não são todas as crianças que têm acesso ao vestuário infantil específico para as crianças na pós-modernidade.

Uma Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) realizada pelo IBGE em 2002 e 2003 demonstram as despesas das famílias brasileiras. Na tabela abaixo são listadas as despesas de famílias que ocupam extremos em termo de rendimento familiar (famílias que ganham até R\$ 400,00 e famílias que ganham mais de R\$6.000,00). Embora as diferenças de ganhos entre esses extremos sejam muito disparees é possível percebermos que o gasto com vestuário é menor conforme a renda da família. Em termos de porcentagem parece que as famílias que ganham até R\$ 400,00 gastam mais com vestuário (5,29%) que as famílias que ganham mais de R\$6.000,00 (3,21%), porém vale ressaltar que a diferença é grande se pensarmos nessas diferenças de acordo com que cada família ganha mensalmente. Também é possível percebermos que a ordem das prioridades com gastos divergem entre as classes sociais.¹⁶

¹⁶ Ver dados completos no site: www.ibge.gov.br. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003.

Distribuição dos tipos de despesa, em relação à despesa total monetária e não-monetária, por classes de rendimento - Brasil

Classes de rendimento monetário e não-monetário mensal familiar					
Total		Até R\$ 400		Mais de R\$ 6000	
	%		%		%
Habitação	29,26	Habitação	37,15	Habitação	22,79
Alimentação	17,10	Alimentação	32,68	Transporte	17,26
Transporte	15,19	Transporte	8,15	Alimentação	9,04
Assistência à Saúde	5,35	Vestuário	5,29	Assistência à saúde	5,62
Vestuário	4,68	Assistência à saúde	4,08	Educação	4,89
Educação	3,37	Higiene	2,40	Vestuário	3,21
Despesas diversas	2,30	Despesas diversas	1,46	Despesas diversas	2,79
Recreação e cultura	1,97	Fumo	1,14	Recreação e cultura	2,16
Higiene	1,79	Recreação e cultura	0,81	Higiene	1,10
Serviços pessoais	0,84	Serviços pessoais	0,64	Serviços pessoais	0,81
Fumo	0,57	Educação	0,30	Fumo	0,23

Fonte: IBGE, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003

Embora os dados do IBGE mostrem que a família brasileira tenha diminuído o número de pessoas desde 1981, muitas famílias no Brasil não têm um rendimento mensal compatível com o número de pessoas que sobrevivem com um ou até mesmo menos de um salário mínimo. Fica muito complicado e até diríamos impossível atender as demandas de consumo das crianças dessa classe social referente aos bens materiais que configuram a construção da imagem da infância na pós-modernidade.

Percebemos que, uma parte das crianças, não têm acesso a nem mesmo uma pequena parcela dos bens (roupas, calçados, brinquedos...) que se referem à infância. Portanto, não é possível afirmarmos que todas as crianças podem se vestir conforme os padrões da moda infantil da contemporaneidade mais uma vez percebemos que a roupa afirma sua característica de segregadora social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

No decorrer de todas as leituras feitas sobre o tema é possível fazermos algumas ligações entre passado e presente. A princípio parece que o vestuário dedicado à infância no século XII está totalmente afastado do vestuário para as crianças na atualidade. Porém, ao longo da pesquisa percebemos que na verdade existe muito mais ligações entre esses “tempos históricos” do que podemos imaginar.

De acordo com as leituras sobre a pesquisa realizada por Ariès (1981) podemos perceber que a concepção de infância trilhou um longo caminho durante séculos para chegar onde conhecemos hoje. Fica a impressão de que se trata de um tempo tão distante da nossa realidade que não há a possibilidade de existir nenhum resquício dessa forma de pensar e conceber a infância.

De acordo com autores como Steinberg e Kincheloe (2001) é possível percebemos que a concepção acerca da infância continua sendo um processo de lenta transformação. Da mesma forma que a infância nem sempre foi concebida da forma como a conhecemos atualmente, também não é possível afirmarmos que esse processo tenha se estagnado.

A pesquisa iconográfica também foi muito importante, pois através dela foi possível observarmos as mudanças que o vestuário infantil foi submetido ao longo dos séculos. Ao observarmos diferentes modelos de roupas que essa pesquisa traz, podemos perceber as diferenças entre “as infâncias” concebidas em cada tempo histórico. Em muitas imagens é possível percebermos crianças muito pequenas vestidas com adultos. Roupas cheias de babados e com excesso de pano que dão a impressão de sufocar

quem as utiliza fazem parte constante do vestuário infantil entre o século XI até o século XIX.

É muito interessante perceber também que a moda enquanto um processo passageiro e de curta duração (principalmente atualmente) influencia as roupas utilizadas em determinado tempo. Não só a moda como as transformações sociais e econômicas contribuem com essas mudanças, porém a “moda de uma época” contribui muito com as características que são encontradas nas peças do vestuário.

O vestuário infantil foi, portanto, uma construção lenta. Fica muito claro que enquanto a infância não possuía um “lugar” específico dentro da sociedade, não havia importância ou necessidade da criação de um vestuário específico para essa fase da vida. Segundo Nascimento (2001) enquanto as crianças eram consideradas como adultos em miniatura não se enxergava a necessidade da criação de utensílios ou de um espaço que fosse dedicado a ela. Segundo Ariès (1981) as primeiras vestimentas infantis eram as que os adultos haviam usado alguns séculos antes. Mesmo no início desse processo de construção de um vestuário específico para a infância é possível notarmos que as roupas continuam sendo incômodas, cheias de fitas e babados.

Com o passar dos séculos as crianças começam ter um vestuário específico, mais confortável e adequado para seus movimentos.

Embora as crianças atualmente tenham um vestuário específico, percebemos que cada vez mais, existe o interesse delas pelas roupas que são destinadas aos adultos. Observamos que muitas roupas infantis possuem características do vestuário dos adultos, como por exemplo, roupas curtas, apertadas e com tecido incômodo. Nesse momento é possível percebermos a existência de uma ligação entre passado e presente. Muitas vezes, nos deparamos com crianças vestidas como adultos em

miniatura e na maior parte das vezes nossa reação é de um sentimento de “paparicação” como se a criança fosse um bibelô para o adulto. Portanto, não estaríamos tão distantes das crianças do século XII. Nos parece que a moda teve um papel fundamental nesse momento, pois as crianças em diversas ocasiões ainda continuam se vestindo como adultos, mas com peças do vestuário que contemplam as expectativas de consumo de seu tempo, laços, babados, fitas, tecidos engomados ficaram para trás.

Com o passar do tempo, as crianças estão tendo, maior acesso às fontes de informações que antes eram restritas aos adultos. As propagandas fazem parte desse leque de informações disponíveis para as crianças e acabam sendo grandes incentivadoras de práticas de consumo entre elas.

A criança na pós-modernidade tem contato com diversas corporações que também influenciam enormemente seu consumo por diversos produtos e de diferentes marcas.

Percebemos também que as diferenças entre gênero foram marcadas historicamente. Com o passar do tempo as diferenças entre o vestuário das meninas e meninos ficou mais acentuada. Séculos antes meninos e meninas utilizavam roupas muito parecidas, até mesmo o corte de cabelo dificultava a diferenciação entre os sexos.

Atualmente as roupas de meninos e meninas possuem diferenças bem definidas. No vestuário destinado às meninas há a predominância da cor rosa, enquanto para os meninos predomina o azul. As cores do vestuário também passaram por modificações, já que havia a predominância de cor branca até pouco mais de meio século atrás.

Portanto, embora seja claro que o vestuário dedicado à infância tenha passado por transformações, é possível observarmos em pleno século XXI roupas que nos lembram o século XII. Os mandriões (roupas específicas para batizado) são um exemplo desse

tipo de vestuário que carrega resquícios de vários séculos atrás: roupas longas com laços e que não proporcionam a liberdade de movimentos ou conforto para a criança.

É possível percebermos que quanto mais próxima à infância se encontra da pós-modernidade, mais o vestuário e a moda é referida a uma criança que pode ser comparada a uma imagem de um adulto em miniatura.

Porém, é válido observar que nem todas as crianças têm condições financeiras de adquirir as vestimentas que se referem à infância pós-moderna. Ao longo da história, conforme relata Nascimento (2001) é possível percebermos que nem todas as crianças tinham acesso ao mesmo vestuário. Segundo a autora, no século XIX, no meio operário ou camponês as crianças se vestiam de forma muito precária, com roupas desgastadas e grandes. Nosso país é marcado por profundas diferenças sociais, não é nada raro, vemos crianças que utilizam trajes das mesmas condições dos descritos por Nascimento (op cit).

O que percebemos é que em pleno século XXI, as crianças continuam segregadas entre aquelas que possuem condições econômicas para adquirirem um vestuário que configura a infância pós-moderna e aquelas que continuam vivendo em uma situação de privações de todas as formas, incluindo “a exclusão de compartilharem de bens materiais” que configuram a infância nos tempos atuais.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Adilson José de. Moda e História. In: ALMEIDA, Adilson José de e WAJNMAN, Solange (ORGS). **Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002, p. 197-205.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. In O traje das Crianças, Ed. LTC, 1981, p. 69-81.

AUAD, Daniela. **Qual educação queremos para meninas e meninos?** In: Educar meninos e meninas: relações de gênero na escola. São Paulo: Contexto, p. 13-16, 2006.

BASIDE, Roger. **Arte e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 3º edição, 1979.

BIAGIO, Rita. Meninas de azul, meninos de rosa. **Revista Criança** (MEC revista do Professor de Educação Infantil), Brasília, 40, 2005, p. 33-38.

CARVALHO, Ronaly Moreno C. Imagens de Infância (s). Trabalho de Conclusão de Curso. Unicamp, 1998.

FORMOSINHO, Júlia O., KISHIMOTO, Tizuko M., PINAZZA, Mônica A. Froebel: uma pedagogia do brincar para a infância. In: **Pedagogia (s) da**

Infância: dialogando com o passado construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, p. 37-64, 2007.

FREITAS, Marcos Cezar, LEITE, Miriam M. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: **História Social da Infância no Brasil.** São Paulo Cortez, 1999, p. 17-51.

HEYWOOD, Colin. As transformações nas concepções de infância. In: **Uma história da infância: da Idade Média à época Contemporânea no Ocidente.** Porto Alegre: Artmed, p. 23- 62, 2004.

JAVEAU, Claude. Criança, infância (s), crianças: que objetivos dar a uma ciência social da infância? **Educação e Sociedade** – Vol. 26, nº 91, p. 379-391, 2005.

KÖHLER, Carl. Século XVI. In: **História do Vestuário.** São Paulo: Martins Afonso, 2001, p. 267-348.

LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa.** São Paulo: Companhia das letras, p. 7-127, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1989.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MONTEIRO, Marko Synésio. Moda e Antropologia: Pressupostos teóricos. In: Almeida, Adilson José de e WASJNMAN, Solange (orgs.). **Moda, comunicação e cultura: um olhar acadêmico**. São Paulo: Arte e Ciência, 2002, p. 193-195.

NASCIMENTO, Maria Evelyn Pompeu do. **Do adulto em miniatura a criança como sujeito de direitos : a construção das políticas de educação para a criança de tenra idade na França**. Tese de doutorado, Unicamp, Campinas, 2001.

RÖHRIG, Marianne R. **Paradoxos da moda contemporânea**. Ciência e Cultura, nº 25, FACET 03, p. 101-108, Curitiba, dez. 2001.

SOUZA, Gilda de Mello e. A moda como arte. In: **O espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987, p. 26-141.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória e dor**. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

STEINBERG, Shirley R. E KINCHELOE, Joe L. Sem segredos: cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In: **Cultura Infantil: A construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001, p. 9-53.

SCHILLER, Luciana. **Moda: uma história para crianças**. São Paulo: Cosac Naify, 2004

TRINDADE, Christiane Couttheux. **A interferência de alterações sociais sobre o comportamento do consumidor infantil.** Artigo Científico, 2002.

SITES PESQUISADOS:

www.ibge.gov.br

www.images.search.yahoo.com

www.luizabebe.com.br

www.manequim.abril.uol.com.br

www.marisa.com.br

www.marquise.com.br

